3 1761 08158865 9

DT
309
C65

VIAGEM

DE

SUA MAGESTADE EL REI

O SENHOR DOM FERNANDO

A

MARROCOS,

SEGUIDA DA DESCRIPÇÃO DA ENTREGA DA

GRÃO CRUZ DA TORRE E ESPADA

AO SULTÃO SID MOHAMMED,

POR

JOSE DANIEL COLAÇO

DEDICADA Á SOCIEDADE DA GEOGRAPHIA DE LISBOA

Tanger,

IMPRENSA ABRINES.

1882.

VIAGEM

DE

SUA MAGESTADE EL REI

O SENHOR DOM FERNANDO

A

MARROCOS,

SEGUIDO DA DESCRIPÇÃO DA ENTREGA DA

GRÃO CRUZ DA TORRE ESPADA

AO SULTÃO SID MOHAMMED,

POR

JOSE DANIEL COLAÇO

DEDICADA Á SOCIEDADE DA GEOGRAPHIA DE LISBOA.

DT
309
C65

Tanger,
IMPRENSA ABRINES,
1882.

DT
309
C65

AO LEITOR.

Tendo o Snr. G. T. Abrines, depois de lutar com obstaculos de toda a especie, conseguido instituir em Tanger un prelo, com o qual deo começo a provas impressas das mais requeridas nas Legações e Consulados, e nas officinas commerciaes que d'antes tinham de recorrer á Europa para a impressão dos seus documentos, concebeu o Snr. Abrines a idea de assignalar o debute do seu util emprehendimento pela publicação d'um pequenino livro que ao número limitado de paginas, reunisse a qualidade de narrar um desses salientes factos que nos povos cultos prendem a attenção dos espiritus illustrados para os destinos desta importante região do continente africano.

Lembrou-se para este fim o Snr. Abrines de formar esta primeira producção da sua nascente Imprensa, pela compilação d'umas folhas soltas que em 1856 viram a luz em Lisboa na revista hebdomadaria intitulada Archivo Universal sob o nome de viagem de S. M. O Snr. D. Fernando á Africa.

Por muito honroso que para mim fosse o

convite do Snr. Abrines, repugnou-me todavia acceital'o desde logo pelo facto de ter ja apparecido, se bem d' um modo intercalado, nas paginas d'um jornal, esta narrativa ; mas tendo comprehendido o louvavel empenho do Snr. Abrines, e considerando 1.º que sendo o Imperio de Marrocos chamado pela força dos acontecimentos que irresistivelmente movem a humanidade no sentido da luz e do progresso, a ir pouco a pouco cedendo ás exigencias da civilisação, tudo que a seu respeito se publique deve principalmente interessar ao povo latino que primeiro desembarcou os seus guerreiros triumfantes nas costas africanas, 2.º. que o povo portuguez, alistado felizmente na luminosa phalange que constitue a vanguarda dos paises cultos, saccode a indiferença com que ate ha pouco olhava para os assumptos desta parte do mundo, em cujas terras se aquilatára em victorias e derrotas passando circumdada de brilhante aureola para a posteridade, a heroicidade dos seus filhos, e 3.º. que dadas estas circumstancias é de toda a opportunidade para assumpto do primeiro livro que apparece publicado em Marrocos, a escolha da viagem d' um Rei Portuguez a esta terra tão ligada ás nossas gloriosas tradições, accedi gostoso e até com enthusiasmo ao pedido do Snr. Abrines ; e digo com enthusiasmo

porque a idea de que a primeira publicação a sahir em Tanger, fosse feita em lingoa portugueza, e de que a obra, embora pequenina e de nenhum merito literario, posesse em relevo o exemplo que aos exploradores e viajantes africanos dera um Principe que o povo Portuguez extremece, e que todo o mundo venera pelas suas grandes virtudes e enciclopedica cultura, assim como pela sua relevantissima qualidade de rei-artista e animador das sciencias, das letras e das artes, não podia menos de ser vivamente sympathico a quem se presa de amar as cousas patrias e acatar o pais que representa.

Ao mesmo tempo propuz ao Snr. Abrines, e achou elle opportuna a minha proposta, que este primeiro livrinho publicado em Tanger e em Portuguez, tendo por objeto a viagem de S. M. El Rei O Senhor Dom Fernando a esta parte da Africa outrora engastada entre os florões que abrilhantavam a Corõa de Portugal, fosse dedicado á Sociedade de Geographia de Lisboa.

Se na acquiescencia a estas combinações houve desacerto, não foi seguramente voluntario, e nesse caso remette-se á benevolencia da dita benemerita Sociedade e á indulgencia do leitor, o arrependido author

Jose Daniel Colaço.

P. S.—A presente narrativa vae seguida d'uma noticia relativa á entrega da Grão Cruz da Torre Espada ao Sultão Sid Mohammed, primeira condecoração que acceita um Soberano de Marrocos.

VIAGEM
DE S. M. O SENHOR DOM FERNANDO.

Chegou Sua Magestade á Bahia de Tanger nos ultimos dias do mez de maio de 1856, tendo feito participar ao consul geral portuguez naquelle paiz que, tencionando para sua commodidade guardar o mais rigoroso incognito, não desejava ser recebido com as demonstrações, festejos e mais ceremonias, que a sua pessoa requeria. O consul geral dispoz tudo de modo, que estes desejos houvessem de ser realisados, podendo S. M. entretanto presenecar o ceremonial alli seguido na recepção de um rei, sem que necessitasse, em cousa alguma, variar o traje commodo de viagem.

O incognito só podia ser nominal. Aquelle povo, como todos os já visitados, sabia perfeitamente qual era a cathegoria do viajante, que o vapor *Mindello* levava a bórdo: eram bem naturaes, pois, a curiosidade e enthusiasmo que o animavam, ao receber pela primeira vez um herdeiro d'aquelles a cuja corôa pertenecêra aquella parte da Africa, em epocha não muito distante.

Era o tempo de uma das peregrinações á Meca, e um grande numero de peregrinos se preparava para embarcar a bórdo de dois vapores, um francez, outro inglez, que os deveriam conduzir aos lugares santos.

Citemos de passagem o que diz um ilustre escriptor oriental a respeito destas viagens, para que se possa avaliar da sua importancia para os sectarios do islamismo.

Ali-Bey-El-Abassi (D. Domingos Badia y Leblich) expressa-se assim no primeiro tomo das suas viagens pela Africa e Asia. "Os preceitos divinos prescriptos pelo Alkorão consistem em: crer n'um só Deus: crer na missão do seu profeta, como na obrigação das orações canonicas; dar esmola; jejuar durante o Ramadão; e a peregrinação á Meca. Todo o mussulmano deve, pelo menos uma vez na vida, fazer pessoalmente a santa viagem, ou delegar esta commissão n'um peregrino, que a cumpra por elle e em seu nome, no caso de se achar legitimamente impossibilitado de o fazer. O objecto da viagem é visitar a Kaaba, ou casa de Deus em Meca, as collinas Saffa e Merua, que se acham na mesma cidade, e o monte Ararat, a pouca distancia d'ella. A epocha destas ceremonias em Meca é todos os annos, no mez Dulhaja; muitos peregrinos ha que aproveitam a

occasião para passar a Medina e visitar o sepulchro do Profeta; porém isto é acto, puramente de devoção, que não está mandado, nem mesmo aconselhado pela lei."

Era a primeira vez que aquella gente embarcava em vapores, a primeira vez tambem que devia seguir certa ordem no embarque e accomodação a bórdo; pois que em todos os outros annos não tinha tido senão alguns navios de vela mal equipados e de pequeno lote, que ali appareciam com o fim de a transportar a Alexandria. Logo que punham pé na embarcação, tomavam posse de um pequeno lugar, em que se faziam fortes, não se arredando uma pollegada e defendendo-o até á ultima. Ora como cada barco levava um numero de passageiros muito maior do que lhe permittia a sua capacidade, seguia-se que os desgraçados perfeitamente imprensados, além de expostos ao rigor dos elementos, durante uma longa viagem, morriam em grande parte antes de leval-a a cabo. Muitas vezes aconteceu chegar o navio ao seu destino alliviado de metade dos peregrinos.

As cousas porém tinham variado como dissemos; e os passageiros com quanto tentassem praticar como nos annos anteriores, tiveram de sujeitar-se ao lugar que se lhes havia destinado segundo as convenções feitas em terra. Ver-

dade é que para esse fim foi necessaria a presença das authoridades marroquinas, e até a do proprio bachá Ben-Abd-El-Malek, que correram em auxilio do capitão e tripulações dos vapores, que debalde haviam empregado todos os exforços para evitar e suffocar a desordem a bórdo.

Davam-se estes factos no mesmo dia e á mesma hora, em que fundeava na bahia de Tanger o nosso vapor do guerra *Mindello;* o que explica e desculpa o comportamento do governador, que não pôde, como devia ir comprimentar Sua Magestade logo á sua chegada.

O Visconde da Foz, ajudante d'ordens d'El-Rei, informado das circumstancias occorridas e accompanhado do consul geral de Portugal n'aquella praça, e mais pessoas do consulado, dirigiu-se a bórdo do vapor inglez *Araxes*, onde então se achava o bachá, o qual da parte de S. M. significou, que lhe ficava relevada a falta commettida: feito o que, foi a terra tractar de preparar os aposentos, que haviam de receber Sua Magestade. No intervallo o bachá desembarcou á pressa e esperou a chegada d'elrei que teve lugar pelas cinco horas da tarde.

Era um bello e grandioso espectaculo para commover o coração portuguez, que o presenceou! O sol quasi a esconder-se detraz das montanhas do occidente, como unico espectador

que existia das nossas glorias pasadas n'aquelle paiz, parecia deter-se para saudar o apparecimento de um rei de Portugal n'aquelles praias quasi desertas. El Rei de pé no seu escaler, que deslisava pausadamente pelas aguas mansas da bacia, observava com curiosidade o montão de casinhas brancas, intercaladas aqui e acolá de figueiras, de mesquitas, de marabous, que se chama Tanger.

El-marsa é o nome da praia, onde Sua Magestade desembarcou. Ahi foi recebido pelo consul geral de Portugal, pelos administradores e capitão do porto. Quanto ao bachá, esse segundo o costume do paiz, teve a honra de acolher El Rei mais adeante, debaixo de uma pequena arcada, que fica á direita da porta do mar por baixo de duas baterias. A poucos passos da praia, mandava elle pôr á disposição de S. M. o melhor cavallo da sua cavallariça, ajaezado de seda, velludo e ouro, tudo no mais apurado gosto mourisco, e levado á redea por um pagem em sumptuoso costume oriental. El Rei dignou-se analisar o nobre animal e os ricos arreios que o ornavam; mas não se utilisando delle, e não havendo no imperio de Marrocos uma só carruagem, nem cousa alguma que tenha rodas, prohibida, como é pelo estupido fanatismo d' aquella gente, teve de continuar a pé.

A tarde estava serena: era uma dessas ultimas tardes do mez de maio, em que a primavera começa a depôr nas mãos do verão os seus mais ricos thezouros.

O governador vestido dos ricos trajes de general mouro, ergueu-se do sitio em que estava assentado e veio cumprimentar El Rei.

Corria o nono mez lunar, que toma o nome de Ramadan por n'elle ser a epocha do jejum dos mouros assim denominada. Como S. M. estava fumando, e como este jejum, durante todo o mez consiste em não comer, nem beber, nem fumar, nem cheirar o fumo de cigarro ou de outro qualquer aroma, desde o *feger* ou crepusculo da manhã, até ao esconder do sol, o governador no momento de se lhe aproximar S. M. levou uma das pontas do alburnoz á cara, cobrindo cuidadosamente a bocca e o nariz, em quanto com a mão direita fazia os cumprimentos do costume.

Entretanto fóra da arcada residia uma guarda de honra de soldados de infanteria armados de espadas e de paus.

Depois de breve demora com o governador, continuou El Rei com as pessoas, que tinham a honra de o seguir, tomando a porta do mar pela calçada ou rua, que atravessa desde alli irregularmente a cidade de este a oeste. Adeante e atraz

da comitiva iam os soldados da guarda, de mangas arregaçadas, distribuindo paulada por tudo quanto se oppunha á passagem. Os terraços de todas as cazas estavam apinhados de mulheres mouras, com as caras tapadas, e judias. As mouras lançavam, rivalisando em exforço, os espantosos gritos ou guinchos, que costumam, á chegada ou na passagem dos reis e em outras solemnidades. Homens e creanças de todos os sexos atulhavam as pequenas e tortuosas ruas com um sussurro diabolico.

Aquelle povo, pouco costumado á presença de pessoas reaes, e nesses mesmos casos raros, habituados a olhar para um rei, como para uma cousa sagrada, um idolo, que deve ser conduzido por outros, não sabia á primeira vista, qual dos que iam, no meio dos soldados, era o Rei de Portugal.

Assim era curioso ouvir as vozes que sahiam dos differentes grupos. Uns diziam "aquelle é o rei" e apontavam para o visconde da Foz sem duvida porque era o de mais edade: outros suppunham que o rei ficára a bordo e que aquelle personagem para quem se dirigiam os respeitos era um seu commissionado, emquanto mouros santurrões, d'aquelles mais supersticiosos, recuavam com terror julgando que El Rei vinha alli sim, mas como um espirito, com tenções de

tudo ver o espreitar, ate os lugares mais santos.

Tudo acreditavam n'aquellos momentos, menos que o cavalheiro alto e louro, que precedia o grupo de viajantes, fosse o rei de Portugal; porque ia a pé, fallava e fumava como os outros homens. Póde-se dizer que chegavam a acreditar o contrario á força das pauladas, que os soldados davam a certa distancia, em todas as direcções para abrir caminho: circumstancia esta que com aquelle furor, só tem logar quando se trata de uma pessoa muito real.

Passou a comitiva, durante o transito por defronte de El-jamaa-el-kebir (mesquita grande), mas S. M. conhecedor sem duvida da repugnancia que os mouros teem pela entrada de christãos nos seus templos, não quiz visitar ao menos por alto, aquelle edificio, e continuando até dar volta por Soc-d'El-Medina (mercado da cidade) dirigiu-se para o consulado geral de Portugal, caza que honrou para sempre dignando-se acceital-la como residencia durante o tempo que estivesse em Tanger.

Naquella mesma tarde S. M. quasi de noite, sahiu para ver o basar, algumas cazas de berberiscos e analysar o estado de miseria original, em que se acham aquellas ruas e logares: assim o fez observando tudo com minuciosidade e interesse, andando por aquellas ruas mal calçadas,

cheias de barrancos e pedregulhos, quasi intransitaveis, com mais facilidade ainda do que os proprios habitantes.

Quando S. M. proseguia no seu passeio que muito lhe agradava por ser livre de etiquetas, um tiro de peça dispersou os innumeraveis grupos, que pela occasião do desembarque de S. M. se haviam estabelecido nos differentes sitios por onde El Rei devia passar. Era o pôr do sol, hora de comer para os crêntes n'aquella temporada de jejuns, e que elles receberam, porque todo o dia tinham guardado abstinencia, com um grito geral e prolongado, que se levantou de toda a cidade e de todos os logares povoados. Entretanto e seguindo o exemplo dos sacerdotes no alto das mesquitas, os mouros antes de se irem desforrar do jejum de todo o dia, fizeram como de costume a oração e a ablucção segundo lhes manda a lei.

Transcrevemos de *Aly-Bey* o seguinte trecho sobre o Ramadan: "Este jejum obriga todos os homens e mulheres, exceptuando os enfermos, viajantes, mulheres prenhes ou em estado de impureza legal, as que criam meninos, velhos decrepitos, pessoas a quem a abstinencia poderia comprometter a saude, e dementes. Se o jejum é interrompido por esquecimento, distracção, doença, viagem ou outro qualquer

motivo legitimo, fica-se obrigado a satisfazer esta divida jejuando outros tantos dias em outro tempo *ad libitum*, porém se a transgressão do jejum de um só dia foi voluntaria sem causa que á justifique, então para espiar esta falta deve-se jejuar setenta e um dias.

"Desde o pôr do sol até á hora da oração da manhã pode-se comer, beber, fumar, e divertir quanto se quizer durante a noute; porém as pessoas timoratas, ou escrupulosas empregam o seu tempo em rezar em caza ou nas mesquitas, lêr o *Koran*, fazer obras de caridade, reunirem-se (homens com homens ou mulheres com mulheres,) em sociedade agradavel porém sempre circunspecta: n'este tempo acabam as inimisades, reunem-se as familias e os pobres se vêem soccorridos mais do que de ordinario com abundantes esmolas.

"As mesquitas estão abertas e illuminadas durante a noute, todo o tempo do Ramadan, e a multidão entra e sahe incessantemente; as lojas abertas e frequentadas por ambos os sexos, assim como os cafés, porém estes unicamente pelos homens e sempre conservando o caracter de gravidade que distingue o musulmano. Como todo o dia passam sem comer nem beber, esperam com impaciencia a hora do *magreb* ou pôr do sol; ao primeiro signal do *mudden* ou gritador

publico, colocado na occasião do tiro de peça no alto dos minaretes, toda a gente se põe em movimento e de prompto come uma especie de papas de farinha com mel, assucar, ou outro condimento nutritivo, em seguida fazem a abluçao e oração, e poucos momentos depois vão comer. Muitos comem tres, quatro, e mais vezes durante a noite; porém eu tomava simplesmente chá, e de manhã antes da aurora umas passas ou um pouco de cuscus.

"Os ricos apenas sentem o jejum do Ramadam; pois passam o dia a dormir, para se desforrarem amplamente das suas privações da noute, de maneira, que não fazem mais do que mudar a epoca de seus gozos diarios; porém é penitencia bem dura para a gente do povo, pois não tendo outro meio de subsistencia além do trabalho do dia, nem ao menos póde illudir o rigor do preceito acceitando aquelle modo de vida. Observa-se com tanta ponctualidade o jejum do Ramadam, que o musulmano que o quebrantasse voluntariamente, sem causa legitima, e sobre tudo na presença de testemunhas, seria tido por digno da pena de morte como infiel. Sendo lunares os mezes arabes, e principiando cada um desde o momento em que se descobre a lua nova á simples vista, os musulmanos observam com a maior attenção o ceu; têem para isso tacto

finissimo e vista summamente penetrante, de maneira que muitas vezes me apontavam a paragem onde viam a lua nova, que a mim me era impossivel descobrir, e depois, com o auxilio de um telescopio, a descobria exactamente no ponto do ceu que me tinham indicado comparado com um objecto terrestre. Para fazer proclamar a entrada do mez basta a declaração de duas testemunhas que depõe perante o Kadi terem visto a lua, e no caso em que as nuvens impedissem o vel-a, o cumprimento dos trinta dias do mez anterior dão logar ao novo.

" O principio do Ramadam se anuncia em Fez por meio de tiros de espingarda desde uma altura visinha, e pelo lugubre som (desta maneira tambem em Tanger) das trombetas que tocam os gritadores publicos desde o alto de todos os minaretes das mesquitas : o momento de terminar o dito mez ou a paschôa se annuncia igualmente com tiros dos terraços das casas. Pobres d'aquelles que amam o socego, e sobre tudo pobres os doentes, que ficam aturdidos pelo estrondo das armas de fogo e dos gritos da alegria universal ! Apesar do caracter augusto que imprime a religião no mez do Ramadam, muitos mouros do povo baixo tornam-se quasi freneticos, a maior parte perde a cabeça de tanto rezar e lêr o *Koran*, e outros de lerem livros asceticos

ou sagrados; outros finalmente pela debilidade do estomago e a tristeza que é a sua companheira inseparavel; e o que a todos altera é o horrivel e funebre som das trombetas que soam do alto dos minaretes a differentes horas do dia e da noute, o qual produz muitas contendas no povo baixo.

"Na noute do dia 27 ha continuadamente nas mesquitas um ministro que sem ter livro deante, recita o *Koran* em voz alta; o povo está de pé escutando-o. Esta reza vae interpolada com orações; a pessoa que reza é successivamente revesada por outra de maneira que ao apontar do dia tem-se recitado o *Koran* todo inteiro. Na mesma noute ha illuminação nas ruas e terrados; o gentio é immenso, e por toda a parte se vêem mulheres aos bandos que vão visitar as mesquitas, nas quaes innumeravel multidão de creanças de todas as edades, mulheres, sanctos ou sanctões, imbeceis bons e maus movem uma confusão infernal; e no entretanto, ou se recita o *Koran* ou se dizem orações. Todas as noutes de Ramadam, antes de amanhecer ha dependentes das mesquitas que correm pelas ruas, armados de enormes maças, com as quaes dão repetidos golpes nas portas das casas, para que seus moradores se levamtem a comer antes da oração da manhã.

E' de notar que como no Ramadan não se fazem cazamentos, baptisados, nem outras ceremonias, cousas estas que constituem a parte mais interessante do paiz, S. M. El Rei D. Fernando foi á Berberia na occasião talvez em que menos se podem apreciar ou gosar os costumes mais curiosos d'aquelle paiz :—é occasião de pouco movimento, pouca vida, se é que ha alguma n'aquellas regiões.

S. M. no dia seguinte depois de almoçar dignou-se receber o corpo consular que com muita instancia tinha pedido para lhe beijar a mão, não em uniforme porque desde logo El Rei prohibira toda a sorte de formalidade. Em seguida sahiu diringindo-se ao *atelier* de um pintor francez que alli se achava, onde viu e comprou dois quadros de costumes arabes do mesmo pintor, que hoje existem no palacio das Necessidades ; representando um—*uma festa na cidade de Tetuáo*—e o outro *um prégador e narrrador de legendas n'uma praça de Tanger rodeado de povo.*—Em seguida entrou de novo no bazar, aonde se dignou vêr algumas judias vestidas em trajos riquissimos; n'um dos corredores se achava sentado na fórma do costume, um tocador de rebeca arabe, que por meio de gritos desesperados cantou deante d'El Rei certos cantos populares que só têem poesia quando se comprehende bem a

lingua do paiz e quando o ouvido está acostumado a guinchos d'aquella natureza. Seguiu logo S. M. pelas turtuosissimas travessas que por esse lado conduzem á porta da cidade pelo lado de terra, chamada Bab-el-Fahs. As muralhas que ficam á esquerda e á direita são pela maior parte assim como outras e muitas baterias, ainda do tempo da dominação portugueza, e n' ellas se vêem algumas guaritas de pedra. Estas e outras construcções tem resistido ao rigor dos furacões, e das guerras que por differentes vezes tem havido, e ultimamente quando em 1844 o Principe de Joinville bombardeou os portos de mar de Marrocos, foram por assim dizer as unicas que ficaram de pé despresando as balas dos canhões francezes. S. M. parou no intervallo das duas portas, em que se acham os ferradores dos cavallos da tropa e do publico, para vêr ferrar os que perteneciam á escolta que no dia seguinte o devia acompanhar na jornada de Tetuão: observou com attenção, andando por entre os cavallos, arreios e cavalleiros que lá se achavam preparando-se para a marcha; lá tambem se concertam as espingardas e mais objectos principalmente de ferro, havendo sempre n'aquelle sitio um barulho infernal augmentado sobremaneira pelos continuados gritos dos que continuadamente entram ou sahem da cidade.

A' sahida da porta El-Rei entrou no principal caravanserail d'aquelles sitios, logo á direita e em continuação da mesma porta: alli se reunem todas as caravanas que veem do interior, e tambem as que devem partir, sendo aquelle o sitio da carga ou descarga dos objectos de importação e exportação; ha occasiões em que está sumamente pittoresco, sobre tudo de tarde, perto da noitinha, quando se enche dos camellos que durante o dia têem sido levados á pastagem. Toda a parte sul do caravanserail é muralha do tempo dos portuguezes. S. M. passou em seguida a visitar a horta do consul de Suecia, sitio bastante ameno, de muitas larangeiras e flôres, a horta europea mais perto da cidade; depois de alguns passeios em que foi tambem acompanhado pelo mencionado consul, descançou na sala de uma bonita casa de campo que ha na mesma horta. Ao sahir d'aquelles sitios, S. M. se dirigiu, sempre a pé, ao acampamento de peregrinos que então se achava no Sock-de-barra, (mercado de fóra), grande espaço em que desembocam todos os caminhos que vem do interior.

Este acampamento composto de barracas de todos os tamanhos, de todas as qualidades, e de fórmas a qual mais caprichosa, por entre as quaes havia centenares de individuos de todos os sexos e um sem numero de cavalgaduras, ca-

mellos e aves, produzia um effeito extramamente pittoresco, maravilhoso. As barraquinhas mais notaveis eram as que perteneciam a uma só pessoa e que o peregrino construe logo que chega, em poucos momentos, de raminhos seccos ou verdes, e terra; se aquelle sitio se podesse pôr de pè dir-se-hia que eram outros tantos ninhos de pessaros errantes adaptados á parade. S. M. El-Rei teve occasião de vêr o estado de miseria e abandono das familias ou pessoas que as habitavam, cujo aspecto é o mais triste que se póde imaginar, alli as mulheres contra todo o rigor do costume musulmano teem geralmente os rostos inteiramente descobertos, apresentam algumas debaixo dos andrajos remendados que mal as cobrem, typos de uma pureza e de uma belleza raras, ás portas, rojando pelo chão meias nuas, empregadas pela maior parte umas nos arranjos das arremendadas e sujas roupas que as cobrem, ficando algumas para este fim cobertas, só com ervas ou palhas, e outras em prepararem a escassa e ordinaria comida com que devem reparar os estomagos ao canhão da tarde. Alguns d'estes miseraveis veem de terras bem longiquas, das immediações do deserto, alguns morrem pelo caminho debaixo do sol ardente que os queimam, e depois de resistirem por terra a rigores d'essa natureza vão passar por mar, o que ja fica dito

em outra parte: é este modo de fazerem a peregrinação uma prova bem frisante da força do fanatismo que domina o coração d'aquellas gentes: cada um ou cada familia tem deante da sua barraca os animaes ou objectos que possue, e que vendidos lhes devem produzir, juntamente com o que já trazem das suas terras trocado por dinheiro, o importe de sua passagem a bordo dos navios que os devem conduzir a Alexandria, porto em que desembarcam para seguir depois por terra com os novos martyrios da sua peregrinação á terra do Propheta. O quadro é por toda a parte miseravel, doloroso e nojento. Foi pois pelo meio de todas essas barracas, com o sol abrazador do meio dia, que S. M. El-Rei D. Fernando, sem cuidar nos inconvenientes que o muito calor e a proximidade d'aquelles entes immundos poderia trazer á sua saude, e levado só pelo amor de satisfazer a sua bem fundada curiosidade, passeou pelo acampamento em todas as direcções detendo-se aqui e acolá, nos pontos em que alguma cousa de maior interesse lhe chamava mais a attenção, fazendo differentes perguntas a que tinhamos a honra de responder, merecendo particular e justamente a approvação de S. M. as physionomias encantadoras de algumas raparigas Berberes.

S. M. recolheu pela volta das duas horas da

tarde e ao entrar no pateo da casa consular, seu domicilio, a banda da armada real que acompanhava El-Rei a bordo do vapor *Mindello*, e que se tinha feito desembarcar por disposições anteriores, tocou o hymno de D. Fernando. Depois de ter executado differentes peças escolhidas, a musica arabe composta dos melhores musicos do paiz, rompeu tambem nos seus enthusiastas, ainda que monotonos cantos mouriscos, cuja novidade pareceu agradar a El-Rei; alli desdobravam, alternando com a nossa bella musica da armada real toda a serie de cantigas de que se compõe o repertorio berberisco, o que produzia um contraste tão estranho quanto agradavel. Pouco depois vieram os differentes grupos de pretos phylarmonicos com os seus tambores e castanholas de metal, que são os primeiros dançarinos da cidade, vinham vestidos de branco com chachias (barretes) encarnados de borla azul, caras luzidias e risonhas, e chailes ou lenços á roda da cabeça e da cintura; tocavam, dançavam, pulavam, berravam e davam voltas infernaes com um furor e produzindo um barulho taes, que não havia ouvidos que lhes resistissem e em poucos momentos S. M. desejou não continuar a ouvil-os, pelo que foram mandados retirar em boa paz.

Em seguida appareceu a companhia dos

saltimbanques ou titiriteiros Sussis, arlequins oriundos da provincia do Suz, a mais austral do imperio e que percorrem com as suas cobras e punhaes todas as terras do littoral, arvorando em praça de espectaculo o primeiro logar em que se acham, uma vez que seja sufficientemente extenso para poderem pular, sem que para isso se torne necessario aplanar ou arranjar o terreno.

Estes homens são de uma habilidade espantosa, e trabalham espontaneamente nos terrenos mais desiguaes e perigosos; n'aquella occasião estavam no pateo da casa consular portugueza que é todo de pedra; usam trages muito ligeiros e sempre descalços, dão saltos simples, duplos e variados, verdadeiramente mortaes, executando outras sortes não menos perigosas, tudo com uma velocidade, limpeza e difficuldade que pasmam sendo tudo isto natural n'elles, pois que não teem escóla alguma de gymnastica, e são tão barbaros como os outros, se bem que muito mais espertos. El-Rey dignou-se gostar muito d'estes jogos, applaudindo muito os sussis. Pouco depois tivemos a honra de ser convidados a jantar com S. M. pelas cinco horas da tarde e ao som da banda de musica militar. El-Rei viu tambem uma berberisca vestida no traje mourisco de maior luxo, riqueza e elegan-

cia, que para esse fim foi levada á sua presença.

Tendo S. M. determinado a sua viagem a Tetuão para o dia seguinte de madrugada, assim se dispoz e o Bachá governador poz, para esse effeito, ás ordens d'El-Rei o seu melhor cavallo de jornada. A noute passou-se sem novidade, interrompida porém com o lugubre tocar das trombetas no alto dos minaretes, o arruido do tambor e o bater da maça pelas ruas e portas chamando os fieis á comida; entre estes barulhos da noute, no Ramadam, os intervallos são muito curtos.

As cinco horas da manhã veiu o cavallo que o governador enviava a S. M., e um numero de mulas correspondente ao das pessoas que tinham a honra de acompanhar El-Rei. S. M. determinou que os arreios mouriscos do cavallo fossem substituidos por outros á europea, o que assim se fez para maior commodidade de S. M.; e achando-se tudo em trem de partida se dirigiram para a porta Bab-el-Fahs. Logo á sahida, esperando a S. M., se achava o governador e os trinta soldados de cavallaria que compunham a escolta de sua pessoa.

Depois de feitas as primeiras recommendações pelo governador ao kaid ou chefe da escolta, ancião respeitavel e acreditado militar, El-Haje-Haman-Burbega, seguiu a comitiva

pelo primeiro caminho da esquerda, descida que desemboca na praia e areias por onde se vae tomar a estrada de Tetuão. Durante uma hora o Bachá governador acompanhou S. M. dirigindo-lhe em lingua e estylo arabe cumprimentos do maior respeito, e manifestando-lhe quanta honra e felicidade era para elle o ter-lhe a Providencia proporcionado essa occasião em que podia apreciar de perto as altamente sublimes qualidades e affaveis maneiras do rei de Portugal.

Tornou o Bachá a recommendar ao kaid e a cada soldado em particular a Pessoa de El-Rei, tornando-os responsaveis pelo mais pequeno inconveniente que podesse sobrevir durante a viagem. Ordenando-lhes além disto, que até chegarem a Tetuão houvessem de executar sempre que o terreno lh'o permittisse, as corridas, evoluções e tiros, que de uma maneira *sui generis* constitue n'aquelles cavalleiros a phantasia arabe, tudo com o fim de divertirem a Pessoa de S. M. Poucos momentos depois teve lugar a despedida do Bachá, e a comitiva continuou pelo caminho que conduz a Tetuão.

Deixou S. M. Tanger no dia 22 de maio para seguir o caminho de Tetuão; e como dissemos, a separação do governador Abd-El-Malek teve logar a uma milha de Tanger pouco mais

ou menos e n'um logar chamado pelos mouros Meferak-El-Trok, areal per onde se entra no caminho de Tetuão, não continuando o bachá mais adiante, como desejava, porque S. M. se dignou dar por terminada a sua companhia, ficando para segurança da sua pessoa a escolta dos 30 soldados mencionados dos quaes quatro eram alcaides e um d'estes cunhado do proprio governador. O chefe da escolta chamado El-Haje-Haman-Burbega era um velho militar da guarnição de Tanger que pelo seu respeito, probidade e coragem mereceu a escolha do governador para uma missão tão honrosa.

Desde que o terreno o permittiu e apesar do jejum que parece lhes deveria tirar toda a vontade de exercicios violentos, principiaram os arabes a executar as corridas chamadas de polvora, deixando-se ficar atraz da comitiva em grupos de seis, oito ou mais, e correndo depois a toda a brida com o fim de passarem a curta distancia de S. M. para lhe offerecerem as descargas de honra atiradas tanto mais á queima-roupa e estrondosas quanto mais elevada é a cathegoria da personagem que querem obsequiar. Assim os arabes no furor da sua corrida passavam cerca da pessoa d'El-Rei descarregando-lhe as espingardas mesmo ao pé, signal este do maior respeito e veneração que se conhece n'aquelle

pais em actos d'aquella natureza.

O tempo estava sereno, e o toldado do ceu que cobriu durante todo o dia aquella parte da natureza, parecia como uma disposição da Providencia para que os raios do sol que por aquelles dias tinham ostentado um ardor insuportavel, não fossem incommodar a pessoa de S. M. A marcha continuava sem interrupção e n'um passo regular. El-Rei sobre um formoso cavallo que o bachá de Tanger tinha posto á sua disposição para fazer a jornada, e a sua comitiva montada em mulas, porque n'aquelle paiz quando muitas pessoas teem de fazer uma viagem sobre animaes, que não estão habituados a viver juntos, as mulas são preferiveis aos cavallos por serem estes desinquietos a ponto de causarem muitas vezes graves incommodos ás pessoas que n'elles caminham.

Antes de passar a pequena ponte que se acha no principio de El-ahadir-El-Kebir, grande planicie de pastagem de gados e cavallos, e quasi defronte do aduar chamado "moghogha," ha uma collina coberta de mattas espinhosas e pedras, detraz da qual existe a sepultura de um grande santo d'aquella provincia. No momento em que a real comitiva por ali passava, viram-se despontar no alto da collina tres vultos brancos; os quaes depois de terem feito uma

invocação com as mãos erguidas para o ceu do lado do oriente como para pedir a intervenção de Mohamed se precipitaram para a estrada fluctuando-lhes os seus largos roupões brancos. Tinham, como depois vimos, caras macilentas e descarnadas, olhos tristes e expressivos, barbas pretas até á cintura, cabeça rapada segundo o costume mouro, trazendo ao pescoço por cima da "dgilabia" ou roupão de lã, rosarios de grossas contas e paus compridos na mão. Ao vel-os correr desesperadamente, saltar por sobre as mattas, pedras e barrancos com a rapidez e agilidade da gazella, ao scintillar dos olhos durante a corrida, dir-se-hia que eram tres furias infernaes que, emissarios do phrofeta, vinham amaldiçoar a viagem dos infieis; porém era tudo o contrario, desciam cheios de enthusiasmo, na melhor fé, eram tres respeitaveis religiosos animados das melhores intenções que espontaneamente corriam a abençoar a jornada d'El-Rei de Portugal.

S. M. conhecedor do motivo que obrigava assim a correr para a sua pessoa tres entes tão estranhos, parou: os religiosos chegando ao pé d'El-Rei beijaram-lhe a perna direira e o lado direito do cavallo, passaram ligeiramente a mão por todos os viajantes, e proferindo suaves palavras d'uma pequena reza do Al-Korao parti-

ram pelo mesmo caminho por onde tinham vindo, e provavelmente para o mesmo sitio d'onde tinham saído, que seria sem duvida a sepultura do mencionado santo. Convém dizer aqui o que seja n'aquelle paiz um religioso e o que seja um santo já que fallamos n'elles.

O religioso, chamado por elles "talbe" plural "tolba," é o mestre da religião. São reputados como sabios e são elles os que conservam algumas tradições e os que quasi exclusivamente teem alguns conhecimentos historicos. Toda a sciencia d'elles consiste todavia por assim dizer em saber ler e escrever, tratando principalmente materia religiosa e muito pouco de historia. São particularmente os tolbas quem fazem ou arranjam toda a qualidade de reliquias e escriptos. Dominam os Djenuns, genios ou espiritos que estão em toda a parte e a toda a hora influenciando sobre a vida de todos e de tudo, sendo indispensavel estar sempre bem com elles. Os tolbas fazem-se passar por feiticeiros, folgam possuir segredos de grande importancia enganando com estas e outras astucias os ignorantes. Esta ceremonia de abençoar a viagem de um principe, é quasi sempre feita por um só religioso; e sendo aquelle estrangeiro, vae por assim dizer forçadamente; para El-Rei de Portugal foram tres, soubemos que abençoaram a

augusta jornada da melhor vontade apesar de ser principe christão, sem duvida por ser monarcha portuguez. Ora isto não admira porque sendo os tolbas como dissemos, os que conservam algumas tradições, quando se trata do tempo da dominação portugueza é sempre com respeito e sympathia que fallam dos nossos individuos e das nossas coisas; o que prova que rasgos de heroismo e grandezas d'alma praticadas n'aquelle paiz, quando sobre as suas Kasbas tremulava o pavilhão das quinas, deixaram determinada de uma maneira indelevel entre aquelles barbaros a nobreza do caracter portuguez.

Santo na Berberia não se julgue que é como entre nós a reunião do maior numero de virtudes possivel no mesmo individuo, e este vivendo só para Deus sacrificando constantemente o bem estar do corpo á pureza da alma. Não, pelo contrario, ha santos que são, por assim dizer, os representantes de todos os vicios, a estampa nojenta da mais immunda miseria. A santidade ali póde ser considerada quasi como um officio, ou melhor como um modo de vida que muitas vezes se exerce quando, como e aonde bem apraz; ha uma santidade hereditaria e outra por demencia, é n'esta que está a especulação. Os santos por demencia, que são a maior parte, andam cobertos só de andrajos cheios de peque-

nos remendos a ponto de se não poder conhecer a primitiva fazenda do vestuario, usam o cabello crescido e emaranhado á vontade, o que faz das suas cabeças uma excepção bem notoria de todas as cabeças musulmanas que são rapadas, e cada um tem a sua mania; uns estão constantemente a rir, outros choram, estes se coçam sem cessar, aquelles correm todo o dia cantando, berrando ou gemendo, e alguns santos ha que se entretêem em atirar com pedras a quem lhes parece. Em rigor o paciente não se deve escandalisar por isso, pelo contrario, deve receber a pedrada como um aviso de Deus para entrar n'um caminho mais virtuoso. A voz publica diz sempre isto: porém, parece nos que nem sempre acontece assim, e já vimos um rapaz mouro levemente ferido na cabeça por um d'aquelles santos, com a dôr que sentia, tendo porém cuidado que os seus concidadãos não o ouvissem, amaldiçoar desapiedadamente o homem que lhe tinha feito um tal presente por ordem dizia elle, do diabo e não de Deus. No entretanto uma aberração similhante no espirito de um fiel é rarissima n'aquelle paiz, e em geral os mouros pelos seus santos fazem os maiores sacrificios: crêem elles que aos santos está incumbida por intervenção do propheta a salvação das almas.

Para algumas donzellas mesmo terem relações com homens d'esta natureza é um grande privilegio divino. O fanatismo barbaro d'aquellas gentes sobre este ponto é de uma estravagancia sem limites. Em geral estes homens acham por toda a parte a mais cordial hospitalidade; são verdadeiros parasitas procurando o seu sustento na casa da cidade ou da aldêa que melhor lhes parece, e por muito bem recompensada se dá a familia que teve a dita de receber na sua casa um santo d'aquelles, se este se dignar fazer uma pequena oração por elles.

Comprehende-se pois a especulação que deve haver n'este genero de santidade e podemos dizer com verdade que de ordinario são máus. Já tivemos occasião de fallar em particular com um d'elles, que em virtude do seu estado de embriaguez nos confessou que por algumas mortes e outras *boas* acções que tinha feito, e para por este motivo escapar aos rigores da justiça, cega e mais que cega n'aquelle paiz, tinha adoptado aquelle modo de vida.

Os outros santos são os que herdam a santidade; estes pela maior parte proprietarios ricos, montam bons cavallos, pelejam pela sua religião a risco muitas vezes da vida, visitam as terras da irmandade de que são chefes, e são recebidos no palacio do sultão que os consulta e con-

vive com elles. Tanto uns como outros gosam dos mesmos privilegios moraes, e quando um d'estes ou d'aquelles morre se lhes construe da mesma maneira uma casinha chamada cobba, que é uma especie de pequeno templo aonde depois os fieis vão orar, e aonde se o local o permitte vão algumas vezes familias inteiras passar um ou mais dias para rezar, comer e cantar. Esses logares sagrados são tambem um refugio para os criminosos que podem fugir aos agentes da policia.

Como dissemos os religiosos seguiram o seu caminho e a real comitiva continuou tomando a estrada que borda o lado oriental da planicie por cujos terrenos os arabes executaram por intervallos as corridas da phantazia. Sempre que isto tinha logar El-Rei parava para melhor os ver passar mostrando gostar muito d'aquelles exercicios originaes. Com effeito, a phantazia arabe é uma demonstração que frisa de uma maneira original a parte alegre do caracter d'aquelles habitantes, e o arabe sobre o cavallo é o extremo opposto do arabe na choupana. O mouro fóra do cavallo é como o peixe fóra da agua; entristece, desanima, definha: no cavallo está no seu elemento, vive, reanima-se, apparece-lhe nos olhos a alegria da alma, e em quanto o cavallo executa prazenteiro todas as suas vontades, corre e precipita-se por onde

elle quer, sem outro signal mais que o desejo do cavalleiro, este falla, ri e grita freneticamente de enthusiasmo e de orgulho.

Os movimentos do arabe são tão rapidos como violentos, toma sobre a sella posições estravagantes; ergue-se na força da corrida sobre os estribos e dispara a sua comprida espingarda para o ar, para o chão, para diante, para traz, para a esquerda, para a direita ou para onde pede a evolução que executa. De pé sobre a base dos estribos durante a corrida com a boca entre aberta, os olhos dirigidos sempre horisontalmente e todas as roupas fluctuantes, o cavalleiro arabe despreza os reis, julga se o soberano de tudo quanto existe, o senhor dos senhores. O cavallo é para elle como um vehiculo poderoso, todo espirito, todo vontade. As terras por onde passa sem as tocar são mundos que lhe desapparecem por debaixo dos pés, em quanto rolam com a mesma rapidez pelo seu espirito mundos de illusão que pelas regiões ethereas por onde voa o levam a communicar com a propria divinidade. O homem é grande, o homem é poeta; uma ley natural impede a continuação d'aquelle movimento, o cavallo pára, o cavalleiro acorda do seu sonho. Isto se repete, e quando no fim de muitas corridas o arabe se apeia, passa o homem da poesia á prosa, do ceu

á terra. Isto é em resumo o que se passa n'uma phantazia. Pouco depois, quem tiver a curiosidade de percorrer um acampamento verá aqui e acolá um cavallo amarrado pelas duas mãos defronte de uma barraca, de uma choupana ou em pleno descampado; sem animação, sem movimento, com o pescoço estirado, saindo agua d'elle como da estatua de uma fonte, parece de pedra: mais adiante sobre uma esteira ordinaria ou sobre a relva um vulto comprido com um turbante n'um dos extremos e umas babuchas no outro, indica um arabe; se nos aproximarmos o veremos palido, immovel, mergulhado talvez em pensamentos tristes; parece um cadaver. Dir-se ha que são duas metades mortas de um todo cheio de vida. Eram pois aquellas corridas chamadas de polvora que constituem a phantazia, o que tanto chamava a attenção de S. M. El-Rei o senhor D. Fernando.

Assim continúamos a andar por espaço de umas seis leguas até chegarmos a um sitio chamado "Aain Gedida" no qual se acha uma grande estalagem a que os mouros chamam "fondac" com caravanserail (pousada de caravanas) destinada aos viajantes, tropas e correios que transitam principalmente entre Tetuão e Tanger. A pouca distancia do edificio se achava, por disposição anterior do nosso consu-

lado geral, uma barraca atapetada com algumas almofadas mouriscas, onde S. M. El-Rei se dignou descançar e tomar um pequeno almoço. Defronte da porta tremulava uma bandeira portugueza. Durante a curta demora de S. M. n'aquelle logar, alguns chefes dos habitantes das montanhas visinhas, appareceram com pequenos presentes de gallinhas, ovos e cuscus, segundo o costume do paiz n'essas occasiões; e mesmo depois de seguir a comitiva a marcha que foi meia hora depois da entrada d'El-Rei na barraca, como o mesmo augusto senhor determinara, appareciam aqui e acolá nas differentes ruasinhas do bosque que percorria, arabes dos aduares proximos, uns com ovelhinhas, outros com pequenas tigellas de manteiga e outros só com o fim de admirar a pessoa d'El-Rei D. Fernando. Se não fosse tempo de jejum em que principalmente a gente do campo soffre muito, por isso que lhes è difficilimo conciliar o trabalho do dia com as comidas da noute, de modo que possam tirar algumas horas de descanso, alguns dias antes d'esta épocha ou melhor alguns dias depois, em que se festejam as paschoãs, a affluencia de gentes teria sido muito maior, o regosijo e enthusiasmo naturalmente mais manifestos.

Tanto o accesso como a descida d'aquella

grande montanha chamada Kasba, apresentam difficuldades analogas, e foi depois de algumas horas de transito que tivemos a felicidade de ver descer aos campos immediatos sem o mais pequeno inconveniente S. M. El-Rei, bem como toda a comitiva que tinha a honra de o acompanhar. Chegados ao descampado continuaram por um caminho naturalmente bom na direcção da cidade. Como o terreno já o permittia, os arabes da escolta de ahi por diante não deixaram de mostrar a sua destreza por meio das corridas e descargas do costume, ostentando assim as suas boas qualidades de cavalleiros, e em cujos exercicios apesar de se acharem faltos de força pelas circumstancias do jejum acima expresso, cada um fazia grandes esforços por sobresair aos outros. S. M. parecendo achar-se sempre satisfeito, nada se passou que mereça mencionar-se até chegar a uma ponte chamada Bu-Sefiha a quatro milhas pouco mais ou menos da cidade de Tetuão. Sobre ella se achava o agente portuguez d'esta praça com as mais pessoas pertenecentes á agencia, esperando a chegada de S. M. Este vice consul como outros de differentes portos do littoral em que não ha funccionarios, tanto ao serviço de Portugal como de outras nacões, são pela maior parte negociantes hebraicos por ser n'esta classe que

na Berberia se achavam outrora pessoas habilitadas para o desempenho dos cargos consulares subalternos. E ainda que entre elles haja alguns de probidade, e este era um d'elles, estão tão pouco correctos com os nossos usos e costumes, que o referido agente apesar da sua vontade adoptou como trajo mais serio e digno de receber a S. M. el-Rei o seguinte: chapeu redondo de forma antiga com um mal feito laço azul e branco, lenço ao pescoço de listas encarnadas, collete cinzento, calças de côr clara e umas grandes luvas amarellas: os mais vinham vestidos segundo o costume do paiz. Chegada que foi a real comitiva e apeiados os que tinham a honra de vir esperar S. M. el-Rei, o referido agente chamado Abraham Hassan offereceu um ligeiro refresco composto de uma limonada especial que só se prepara em Tetuão, e que el Rei se dignou acceitar. Os mais viajantes tambem foram servidos e depois de poucos momentos continuou a comitiva pela parte do caminho que conduz á cidade.

Teriamos andado duas milhas quando n'uma pequena altura chamada "Merra" depois da qual principiam as primeiras hortas e vergeis que circumdam a cidade, se achava o segundo governador desta chamado "Atitas" com toda a cavallaria da guarnição para ter a honra de

receber El-Rei.

Acabada a formalidade que naquelles paizes se reduz a uma inclinação de cabeça, algumas palavras de respeito acompanhadas sempre do nome de Deus, e uma ligeira indicação com a mão direita para o caminho que se deve seguir como pedindo ao Principe que se dignasse entrar naquellas terras, seguiu a comitiva a parte da estrada que definitivamente conduz a Tetuão; não tardou muito que não descobrissemos ao voltar de uma pequena elevação, as muralhas, terraços e minaretes desta cidade.

Antes de chegarmos á porta da cidade chamada "Bab-el-tuts" foi El-Rei recebido pelo bachá governador Haddad com o resto da guarnição que se compunha na maior parte de artilheiros ricamente vestidos. A recepção teve logar n'um grande largo coberto de povo, e o bachá se adiantou para cumprimentar Sua Magestade.

O bachá Haddad contrastava perfeitamente com o bachá Abd-el-Malek e montava n'uma mula á maneira dos ricos negociantes daquelle paiz a cuja classe pertence.

A multidão alli como em Tanger era tanta e invadia de tal maneira o terreno, que os soldados para desembaraçar a passagem recorriam á prompta distribuição de fortes pauladas em todas as direcções. S. M. El-Rei, precedido

dos soldados que abriam caminho e seguido de toda a tropa que se tinha reunido, entrou com a sua comitiva por Bab-el-Tuts, no meio do enthusiasmo daquelle povo, sendo o objecto da admiração geral pelas maneiras affaveis que se dignava manifestar, e o alvo do ávido olhar de milhares de formosuras que guarneciam aquellas muralhas e cobriam aquelles terraços: desta maneira tomou o acompanhamento a direcção do palacio destinado ao sultão mouro quando visita aquellas terras, chamado "Riad-del-Lebbadi" que é de construcção mourisca, e que tem sallas espaçosas, e bonitos jardins com muita agua. Alli, debaixo de uma parreira tinha o governador de antemão preparado uma comida que julgava ser á europea mas que nem por sombras merecia tal nome.

Como o palacio do sultão destinado a S. M. não estava preparado de maneira que podesse servir para o hospedar, por isso que segundo o costume marroquino não tinha por mobilia mais do que tapetes e coxins, foi necessario procurar na cidade um aposento em melhores condições para satisfazer aquelle altissimo fim, merecendo a honra da acceitação de S. M. a casa do vice-consul de Portugal referido, aonde depois da comida, a comitiva se dirigiu. Durante o transito ia precedida e seguida por um numero res-

peitavel de soldados de infanteria que são alli a policia das cidades; estes mimoseavam a multidão com as pauladas do estylo.

O agente sendo hebraico tinha a sua casa no "Mellah" parte da cidade occupada pelos hebreus; porque em todas as cidades da Berberia á excepção de Tanger, esta gente vive separada dos mouros em um grande bairro muralhado que de noite se fecha ficando uma guarda de soldados mouros para a defeza da porta. As judias de Tetuão cuja belleza é proverbial no imperio de Marrocos, anciosas por conhecer o esvelto e amavel Rei de Portugal, tinham procurado por todos os meios ao seu alcance tornarem-se dignas da parte que lhes competia no objecto da visita d'el-Rei D. Fernando áquella terra. Os terraços, as janellas, as portas e as ruas, se achavam cobertas de legiões destes seres angélicos, e dir-se-ia que o ceu, como para embellezar os sitios que El-Rei visitava, se abrira derramando por sobre elles aquella deslumbrante chuva de perolas animadas.

Chegados á casa consular S. M. tomou posse dos aposentos que pouco antes lhe tinham sido preparados da melhor maneira possivel. Aquella noite foi destinada ao repouso, que uma jornada incommoda quanto violenta tinha tornado indispensavel.

S. M. que saira de Tanger com tenções de voltar para alli embarcar, tinha ordenado que o vapor de guerra *Mindello* que o conduzira, ficasse surto naquella bahia até o seu regresso; por isso que, no verão em que o vento leste sopra com frequencia e com força naquelles mares, é muito arriscado o porto de Tetuão, para navios de certo lote, que não podendo entrar no rio são obrigados a ficarem no alto mar lutando contra o vento e contra as vagas que correm sobre a costa. Nessas circumstancias é preferivel a bahia de Tanger, porque ha nella mais recursos no caso de compromettimento.

Mas como o caminho de Tetuão a Tanger é como vimos tão escabroso e tão arriscado, S. M., mesmo porque dava por concluida a sua digressão por aquelle paiz, ordenou que o vapor *Mindello* viesse recebel-lo a Tetuão. Para este fim enviou-se a Tanger naquella mesma noite um correio com as ordens competentes.—Correio, um daquelles homens que na Berberia percorrem o pais em todas as direcções e com todos os tempos sem que os seus passos ou antes corrida seja alterada, quer debaixo do sol abrazador do estio, quer debaixo dos temporaes furiosos do invierno, ora atravessando os rios a nado por sobre correntes procelosas; ora nadando no seu proprio suor ao atravessar os areaes de fogo que tanto

abundam naquelle paiz—ávante, sempre ávante, o correio não conhece, não sente nem avalia as dificuldades—com um roupão grosseiro amarrado á cintura por uma corda de esparto, com um pau comprido na mão direita e um sacco de palha ordinario a tiracol, ha de chegar ao ponto do seu destino a uma hora determinada como se fosse um barco de vapor ou uma locomotiva de caminho de ferro. São naturezas de ferro que Deus creou para serviço daquelle paiz.

O dia 23 foi destinado por S. M. para visitar a cidade; ao percorrer aquellas ruas e praças, ao entrar naquellas casas e bazares, e ao examinar os usos dos seus habitantes, El-Rei pôde apreciar melhor do que em Tanger o verdadeiro typo de uma cidade mourisca, que a de Tetuão apresenta debaixo de todo o ponto de vista considerada. Sendo isto devido a que em Tanger as casas dos mouros, dos hebreus e dos christãos estão disseminadas pela cidade sem que haja separações entre as que pertencem a individuos de religiões diversas, havendo além disso uma tal misturada de costumes, de interesses e até de sentimentos, que muitas vezes custa a extremar entre pessoas differentes, a religião ou a nacionalidade. O caracter mourisco se acha alli por isso muito adulterado, ao passo que Tetuão, em que os mouros, os christãos

e os judeus formam vida e sociedade á parte, tendo estes como dissemos um bairro separado, havendo alli uma communicação e um commercio mais intimo e mais vasto com o interior, que com o exterior do paiz, mais que em Tanger em que este, senão mettermos em linha de conta as relações mercantis dos europeus, e as diplomaticas, porque como sabemos é alli que reside o corpo consular estrangeiro, é muito limitado, Tetuão diziamos, é uma cidade perfeitamente de mouros. O seu numero de mesquitas é maior porque a sua população tambem é mais consideravel; a architectura ou construcção das casas posto que grosseira, porque naquelle paiz só ha das artes uma parodia tão ridicula quanto lamentavel, tem impresso o caracter mourisco. E' pena que alli, como no resto de todo o paiz, não se veja desenvolvido por meio do estudo aquelle gosto arabesco tão caprichoso como elegante. As artes tem sido sacrificadas a um certo numero de processos mecanicos faceis, que provavelmente herdaram dos seus antepasados ou que obtiveram de povos mais illustrados, os quaes applicam machinalmente a todas as coisas, esquivando-se sempre ás difficuldades do estudo. O governo pela sua parte ignorante e despotico, não sente a necessidade de desenvolver conhecimentos que não possue, e sómente trata de

sustentar e arreigar o turbilhão de preconceitos e preocupações que aquelle povo abraça como parte integrante e de indispensavel observancia do islamismo. D'aqui resulta que o estado de coisas d'aquelle paiz é estacionario senão retrogado, e o espirito dos seus habitantes aliás tão susceptivel de cultivo, dorme no berço da ignorancia embalado pelas mãos da preguiça e embriagado ao perfume da essencia de roza que o vicio e a luxuria despedem dos seus incenciarios.

En Tetuão como em Tanger, Sua Magestade percorreo a cidade a pe, porque como ja o dissemos, em Marrocos não ha carruagens, devendo acrescentar aqui, que quando mesmo se tivesse querido fazer uma excepção com El Rei o Senhor D. Fernando, a fim de proporcionar-lhe vehiculo mandando o trazer de fora se tivesse havido aviso anticipado da sua visita a este pais, não poderia o mesmo Augusto Senhor servir-se da carruagem, porque o pessimo estado das ruas, praças e calçadas marroquinas, a isso se oppoem.

El-Rei depois de ter mandado fazer algumas compras de objectos do paiz e de se ter vestido com um "haik," fazenda de lã muito fina em que os mouros abastados costumam envolver-se, sendo assim comparado, como ouvi-

mos, a um chefe dos "Beni-Amer," por terem estes efectivamente uma côr e um typo muito parecidos com os de S. M., decidiu, como dissemos, visitar naquelle dia a cidade.—Precedido e seguido dos soldados de costume, porque a multidão que o rodeava a cada passo era immensa, S. M. percorria as ruas, mais direitas e de melhor piso que as de Tanger, mostrando para com todos a sua bem conhecida amabilidade e sympathicas maneiras que tão justamente captivam e chamam a attenção dos europeus, e que com muita mais razão souberam conquistar o coração dos musulmanos que só estão habituados a receber do seu monarcha provas de tyrania ou de despreso, deixando-os cheios de admiração.

S. M. se dignou entrar em algumas cazas hebraicas aonde as divindades de Tetuão o esperavam com os seus melhores vestuarios.

As mulheres daquella terra são formosas quanto se póde ser formosa, as linhas que compõem as suas fysionomias são puras e o conjuncto é de uma regularidade e belleza quasi sobrenaturaes; na fórma nada mais ha a desejar.

A expressão e os movimentos são, porém, de uma suavidade e inacção que revelam bem a frieza daquellas mulheres sem coração; são rosas sem espinhos, e o aroma, essa alma da

rosa que tanto nos embriaga, não o tem; fallam mais aos olhos do que ao coração e parece que foram feitas para se admirar e não para se amar; é uma felicidade; se assim não fora, se as graças das Tangerinas ou das Andaluzas tomassem posse daquellas fórmas angelicas, as mulheres, de Tetuão seriam como um iman que chamaria sobre si toda a adoração terrestre: e assim ellas, raios de um sol ardente descidos áquellas paragens, queimariam d'amor e de arrebatamento o coração sensivel dos homens que por uma força superior fossem atrahidos por ellas.

Tetuão seria por assim dizer uma sepultura sempre aberta ás victimas de uma epidemia inevitavel, coisa que Deus não podia consentir, e por isso equilibrou todas as coisas a bem da humanidade.

Depois de sair da mansão da formusura El-Rei D. Fernando se dirigiu á casa do mouro "Resini," negociante rico e o mouro de mais educação que ha por aquellas terras, o qual de antemão tinha preparado um chá segundo o estylo das capitaes do imperio, que S. M. El-Rei se dignou acceitar. A originalidade do serviço, as affavels e orientaes maneiras do arabe, a misteriosa aparição das suas mulheres que contra todas as prescripções do rito musulmano saíram durante o chá levadas da irresistivel curiosi-

dade de vêr a El-Rei D. Fernando, o murmurio da agua por entre os arabescos e arcadas de azulejo do pateo visinho, e o chá, essa bebida idolatrada do africano, transformado em nectar delicioso pelo aroma de escolhidas hervas odoriferas e do sublime ambar, segundo o uso dos palacios, com a conversa simultaneamente animada e silenciosa daquella sociedade amiga do arabe e cavalheiros portuguezes n'um salão mourisco, presidida por El-Rei de Portugal, tornaram o acto solemnemente poetico e muito agradavel a S. M. El-Rei e aos cavalheiros que tinham a honra de o acompanhar.

Na tarde do dia 23 a cidade de Tetuão está toda alvoraçada, a populaça corre por todas as partes rompendo em gritos de enthusiasmo, grupos de mulheres mouras enroladas nos seus mantos de seda e lã e rodeadas de formosas creanças ricamente vestidas se agitam dirigindo-se para um certo lado como outras tantas virgens rodeadas de anjinhos e enviadas para divinisar algum logar privilegiado.

Os hebreus seguidos das suas familias sáem em confusão do "Mellah" tomando todos um mesmo rumo, soldados de infanteria correm enthusiasmados com os largos roupões brancos traçados por baixo do braço e agitando os seus penachos azues sobre os compridos barretes encarnados,

de tempos a tempos um bando de cavalleiros passa ferindo lume por sobre as pedras; não se veem e parecem trovões e relampagos, tudo é vociferio constante, tudo bulha, tudo algazarra, tudo contentamento.

Que festa popular se vae commemorar n'-aquelle dia? que triumphos se vão festejar n'aquella terra?—que glorias se vão cantar n'aquelles sitios?

O festejo, o triumpho, a gloria é uma grande phantasia arabe na vasta praça do mercado em obsequio a El-Rei de Portugal.

Pelas 5 horas da tarde a praça offerece um quadro pintoresco e cheio de vida—os terraços das cazas que a rodeam estão cheios de mulheres mouras vestidas de branco entre as quaes brilham ao sol as pedras deslumbrantes dos toucados e braceletes de algumas judias—a praça está coberta de gente de todos os sexos e de todas as religiões. Uma larga diagonal que corta a praça do sudoeste ao nordeste, e que os soldados de infanteria tem o cuidado de conservar limpa á força de paolada é o espaço destinado á phantasia—esta é a arêna onde se vão bater os talentos equestres sedentos da corrida.

Pelas 5 e meia horas El-Rei apparece e occupa com os cavalheiros que o accompanham uma pequena altura aonde vem terminar a rua prin-

cipal, immediata a uma arcada—á sua chegada, da praça e caserio que estão atulhados de espectadores se ergue uma voz geral acompanhada de gritos de enthusiasmo—tudo aquillo é bello, tudo aquillo é pintoresco—as muralhas da parte do poente solitarias e enegrecidas pelo tempo, contrastam bem com as brancas casinhas povoadas, da parte esquerda; a algazarra e movimento dos mouros, com o silencio dos hebreus e com a espectativa dos christãos—o hastear das bandeiras brancas e encarnadas dos marabous com a immobilidade da palmeira; a suvidade da planicie com o arrojado das gigantescas e azuladas montanhas que correm do sudoeste ao sudeste recortando o ceu n'uma linha de ondulações estravagantemente graciosas; o movimento de todo aquelle immenso largo com a serenidade e pureza de um ceu todo de anil; o barbarismo do povo musulmano com a magestade christã.

Eil-a a cavallaria, além se agita em differentes grupos que se encontram; faiscas sáem dos olhos dos cavalleiros, espumando os cavallos agitados; as côres vivas dos vestuarios e arreios, e o brilho das compridas espingardas deslumbram a vista, a impaciencia os devora, e como para minorar essa anciedade, alguns tiros são disparados ao ar, de tempos a tempos. Quem são os felizes que vão encentar o divertimento

daquella tarde de regosijo?

Quem são os que primeiro vão levar aos pés d'El-Rei a polvora em fumo das suas espingardas?

Eil-os, elles ahi vem, arreda, arreda, o salto, o galope, a corrida, o vôo se succedem instantaneamente naquelle grupo de cavalleiros que em gritos frenticos de enthusiasmo se destaca da massa, desapparecem envolvidos na poeira, e depois no fumo que envolve tambem S. M.

Dir-se-ia que uma nuvem animada vem suspirar de prazer e admiração aos pés do rei de Portugal. Ao passar já se distinguem os rostos dos soldados e todos olham com avidez para S. M. como pedindo um signal de approvação; o grupo se compõe de quinze cavalleiros pertencentes á escolta que acompanhava El-Rei a Tetuão. Ha um delles que merece as palmas da Magestade e este chama-se "Abdallah Uither." Quem tal diria? O cavalleiro que tem um "Keidar" (sendeiro) por cavallo, e que veste quasi andrajos por haik,? mas é que Abdallah é sempre entre os mouros como entre os estrangeiros o cavalleiro por excellencia.

Abdallah cuja vida excentrica e extravagante o tem reduzido a uma pobreza com a qual vive contente, veste trajos grosseiros, e monta um cavallo esbranquiçado que apenas

tem a marca, esgalgado, abatido e magro e tal ponto que se lhe poderiam contar um por um os mais pequenos ossos do esqueleto se as suas espessas crinas amarelladas e o velho trem que o aparelha não os encobrissem.

Abdallah teve por todo o paiz uma fama de bom cavalleiro que ainda merece, e tido sempre como mestre, diziam os mouros que de um máu burro era capaz de fazer um bom cavallo. Abdallah que era homem de boas qualidades, foi porém arrastado por um certo numero de más tendencias que o perderam; e tanto na sua vida das cidades como nas suas correrias e campanhas, Abdallah tanto a cavallo como a pé, exerceu cada vez em maior escalla tres modos de vida simultaneos, sendo bebado, jogador e ladrão—fazia porém estas coisas de tal maneira que nunca a justiça o perseguira, nunca os seus companheiros deixaram de rir desculpando-o se alguma vez o surprehendiam em qualquer de suas costumadas acções.

Abdallah tinha já passado por uma épocha em que a sorte lhe correra perfeitamente a favor, e então montava arrogante soberbos cavallos ostentando pelas cidades a sua figura e as suas galas; então dominava o vicio, agora porèm, victima da sua estravagancia e das enfermidades que ella lhe trouxera, envelhecido pelos revezes

de uma vida turbulenta, Abdallah se achava na sua decadencia, estava mudado, pobremente vestido, montava um animal que em genero differente guardava um perfeito parallelo com a sua pessoa.

Duas coisas tinha porém conservado inalteraveis, o caracter extravagantemente alegre e as boas qualidades de eximio cavalleiro: podendo-se até dizer que estas tocavam hoje os seus ultimos limites enthusiasmando-se na phantasia, mais agora do que então; é que agora já não tem gallas a luzir nas cidades, só tem espirito a ostentar na phantasia; do Abdallah elegante só existe o espirito de Abdallah.

Vêde-o outra vez, tendo sido o ultimo a sair do grupo de cavalleiros, é o primeiro a chegar ao pé de S. M. ao passo que os outros mais tarde, passam dispersos a grandes distancias. As posições que toma sobre o cavallo durante a corrida são extremamente graciosas, os seus movimentos puramente arabes. O cavallo e o cavalleiro no seu vôo tomam a forma de um traço animado que em ondulações differentes se move com a rapidez do relampago.

O tiro de espingarda é disparado com arte e tão perto d'El-Rei que a sua augusta pessoa é toda envolvida em fumo. Ao passar, senhor, do seu cavallo como da sua vontade, pára de

repente e ficando immovel como uma estatua recolhe cheio de enthusiasmo as palmas e as felicitações d'El-Rei D. Fernando.

Como uma luz que está a apagar-se as loucuras daquella tarde de gloria são por assim dizer para Abdallah os ultimos lampejos daquella vida que ainda lhe fica, e pouco tempo depois que S. M. deixára as costas da Berberia, Abdallah, que fazia parte de um contingente mandado de Tanger para incorporar-se na capital, ao exercito que devia ser mandado sobre o Riff, deu o ultimo suspiro entre Tanger e Fez, nos braços dos seus companheiros que apesar de guerreiros o choravam muito tempo depois.

Na parte esquerda do sitio em que se acha S. M. ha uma rampla de pedras que conduz a um velho castello aonde vão parar todos os cavalleiros da corrida. A phanthasia continua, e a cada momento, ora cavalleiros de Tanger, ora de Tetuaõ, chegam atropelladamente escorregando na rampla, e esbarrando nas portas do castello; tudo é movimento, tudo enthusiasmo, tudo furia; ao chegar são tantas as faiscas, é tal o estrondo, que parecem outras tantas bombas que arrebentam.

A rivalidade entre uns e outros faz executar a cada um d'aquelles homens sedentos de palmas

reaes, prodigios de ligeireza e de movimentos. No entretanto nota-se uma grande differença entre os arabes da escolta e os da guarnição de Tetuão. Esta cavallaria está muito bem equipada, todos os soldados vestem burnouses de um azul brilhante sobre sulhames brancos de neve: os barretes encarnados são todos novos, a maior parte dos cavallos são bonitos porém tem as crinas e as caudas cortadas com egualdade, a corrida é veloz, correm muito, e correm bem: mas o estudo preside á corrida como ao vestuario. Nos de Tanger é só a arte e a naturalidade que opéram; ha um certo abandono no vestuario, uma certa originalidade e desdem nos movimentos, uma tal harmonia entre o cavalleiro e cavallo, que apresentando o verdadeiro typo do arabe da phanthasia não deixam nada a desejar; o arabe de Tanger é o mestre da phantasia, o de Tetuão é n'ella um verdadeiro recruta.

S. M. El-Rei D. Fernando a quem o espectaculo tem agradado sobremaneira, já não occupa a mesma posição e passa de uns pontos para os outros da grande praça seguido dos cavalheiros portuguezes que o acompanham, todo coberto de poeira que os cavallos levantam ao passar, e misturando-se nos differentes grupos ora de gente a pé ora de cavalleiros que o rodeam: surri constantemente, e a harmonia entre a sua

augusta pessoa e o povo mourisco é tão notoria que parece haver uma afinidade intima entre os sentimentos d'El-Rei e todo aquelle quadro brilhante. Com effeito, ha naquella phantasia um não sei que de mysterioso, relativo á nossa historia, de fantastico e poetico, que não póde deixar de produzir no coração portuguez que a presenceia, uma impressão profundissima. No meio de um povo que foi nosso festejando tão de coração a apparição de um Rei portuguez estabelece-se uma serie de recoadações taes que levando-nos de seculo a seculo vae como de pedra em pedra abrir no fundo da nossa alma uma fonte inexgotavel de saudade.

S. M. não sómente é o primeiro chefe daquella festa pela realeza, mas é-o tambem pelo sentimento—é o coração de todos aquelles corações e na enthusiastica parte que toma naquelle festejo popular feito em seu obsequio parece ser influenciado per algum poder desconhecido.

Que espirito occulto estabelece aquella relação, aquella irmandade entre os portuguezes e os arabes? será algum emissario conciliador enviado de um seculo de guerra a um seculo de paz para sanccionar por parte d'algum genio da antiguidade a lei de harmonia que duzentos annos de honrosas relações elaboraram entre o povo arabe e o portuguez?

Olhae para a corrida—contemplae a phantasia—admirae e examinae todo aquelle grande espectaculo;—não descubris nelle cousa alguma que vos chame particularmente a atenção?—Sim, por certo.

A cada intervallo depois que cada um dos grupos de cavalleiros tem corrido, quando um momento de silencio e de repouso vem succeder á algazarra geral e ao estrondo dos tiros, apparece no campo do festejo um arabe de gentil figura, só, sem que ninguem saiba d'onde vem, nem por onde entrou na praça, com o rosto coberto e elegantemente vestido. Corre sem que nenhum outro ginete ouse acompanhal-o e quem olhar bem para elle verá que executa as mais difficeis e escolhidas evoluções do cavalleiro arabe com um desdem e com uma facilidade que pasmam, transluzindo porèm atravez do genuino caracter mourisco que apresenta, a elegancia e as maneiras distinctas do cavalleiro e do cavalheiro peninsular.

As ligeiras roupas que o envolvem adaptando-se por momentos ao seu svelto talhe, deixam ver umas formas simultaneamente delicadas e desenvolvidas que mais parecem as de algum illustre guerreiro de outros tempos.

A sua posição a cavallo não tem o aspecto caricato do habitual dos arabes e parece ser

tam mestre na phantasia como eximio conhecedor das nossas regras de equitação.

O cavallo que monta bem se pode chamar gazella e é de umas formas, de uma côr vaga e de uma intelligencia como melhor não tivera o propheta.

Os arreios que o ornam são simultaneamente ricos e singellos sem que ninguem possa dizer de que são. São duas entidades que vieram em peregrinação não se sabe de que terras, uma trazendo a outra.

O cavalleiro mysterioso não corre com os outros arabes de quem é companheiro sem que elles o sejam delle.

Os seus pontos de parada são tão desconhecidos como desconhecida a sua origem, a sua personalidade, o fim para que alli viera daquella maneira.

S. M. El-Rei e os distinctos cavalheiros que o acompanhavam bem o viram. Se fossemos daquelles que ainda crêem na reapparição nestas terras de Portugal de um principe proscripto que saira da patria ha tres seculos, quando não quizessemos confesar que o guerreiro desconhecido daquella tarde de regozijo, que nunca se riscará da nossa memoria era o proprio *Encoberto*, pelo menos diriamos que aquelle homem que ao correr se desliza pelo ar mais do que

passa pela terra, festejando silenciosamente a presença d'El-Rei D. Fernando, o svelto mancebo de haik transparente que espalha essencias e que faz nascer saudades, o arabe mysterioso que apparecendo e reapparecendo como por encanto em todos os pontos da praça, faz rebombar o tiro simultaneamente sonoro e longiquo da sua delicada espingarda nas catacumbas do seculo decimo-sexto aonde existem as cinzas de tantos guerreiros portuguezes que morrerão fazendo voar para o céu da patria illeso e imaculado o estandarte das cinco chagas, essa sombra, esse fantasma, esse homem era o espirito d'El-Rei D. Sebastião.

Diriamos que o guerreiro temerario successor de D. João III que saira da patria para fazer sentir ao povo musulmano o aroma da flôr da religião christã sem calcular que meia duzia de valentes era um tenue numero para limpar primeiro a athmosfera daquella terra dos inveterados vicios do islamismo, o christão que se engolfara com os seus em torrentes de arabes fanaticos fazendo porém com que os mouros apesar de vencedores sempre se inclinassem deante do pavilhão das quinas; esse homem morre mas o seu espirito fica boiando no occeano dos tempos sem que ouse abordar, de pejo ás terras da patria que julga ter sacrificado,

sendo elle o cordeiro que se queimara em holocausto por ella. Diriamos que o espirito do monarcha que morrera pela cruz apparecia naquella hora solemne guardando o mais rigoroso incognito como incognito guardava a magestade que visitava aquella terra, para abençoar em segredo como sacerdote venerando o consorcio de sentimentos entre o povo marroquino e o povo portuguez representado na pessoa d'El-Rei D. Fernando.

Na manhã do dia 24 de maio o vapor de guerra portuguez *Mindello* fundeava fôra da barra do rio de Tetuão ao passo que uma grande cavalgata se postava á porta do vice-consul Abraham Hassan esperando o augusto viajante. —S. M. tinha decidido embarcar naquelle dia— Poucos minutos depois S. M. El-Rei D. Fernando saia fôra do Mellah tomando a comitiva no meio de toda a população que precipitadamente saia cheia de gratidão para com o real hospede que se dignara visital-a, o caminho do embarcadouro que se acha a legua e meia da cidade.

O segundo governador, não sendo o primeiro como vimos militar, e por isso não tam competente naquelle paiz, para estas ceremonias, foi o encarregado de comandar a cavallaria que accompanhara El-Rei a qual não tinha já nenhum soldado dos que vieram com S. M. a Te-

tuão, por haverem regressado aos seus acampamentos de Tanger.

Com tudo, não deixarão de mostrar, até ao sitio do embarque, que apesar de não serem os melhores cavalleiros daquelle paiz, são sempre os arabes da corrida de polvora.—Nada se passou que mereça mencionar-se durante o transito do caminho plano e em ondulações que conduz a Martin, sitio do embarcadouro, senão a ceremonia do offerecimento do leite a metade do caminho. No principio da viagem, como vimos, os arabes tinham pedido a Deus por intervenção do propheta seu intermediario, livrasse a pessoa d'El-Rei D. Fernando de todo o inconveniente, concedendo-lhe uma jornada venturosa. Esta demonstração publica quando os principes viajam é mais um uso rigoroso seguido naquellas terras, que uma prescripção do rito musulmano. Isto mesmo com as rezas do costume, se faz entre os particulares quando os arabes ricos ou pobres emprehendem as suas jornadas, e não é raro vêr ao sáir das cidades, musulmanos de differentes classes collocados em algumas proeminencias ou ao pé dos rios, em oração com a face voltada para o oriente, pedindo a Deus uma jornada feliz. Quando a viagem se termina, louvores são dados por meio de fervorosas orações dirigidas ao Creador por

intervenção de Mohamed.

Assim um "talbe" ancião e o religioso mais venerado das circumvisinhanças de Tetuão, rodeado de uma multidão de camponezes homens e creanças, appareceram pela parte esquerda do caminho e na occasião de passar S. M. El-Rei D. Fernando, estendendo as mãos para o monarcha, o religioso, ancião de barbas brancas até á cintura e de rosto em cuja modelação parecia terem andado as mãos do proprio Creador, typo que nunca tivera por modelo nem imaginara Rubens, se inclinou para S. M. offerecendo-lhe em signal de alegria e bom agouro, o primeiro leite de uma vaquinha sua, servido n'uma especie de grande tigela de barro que principalmente os habitantes das montanhas usão e a que os mouros chamão "selafa." S. M. El-Rei se dignou acceitar o leite offerecido, e todos os viajantes beberam da "selafa" com verdadeiro prazer, aquelle symbolo de felicidade.

Martin é uma pequena povoação á borda do rio e cujas cazas são em grande parte destinadas a receber as mercadorias que seguem depois a Tetuão, servindo o resto para habitação dos seus moradores que com poucas excepções são todos empregados no serviço maritimo daquelle ponto; alli se acha a alfandega e outros locaes em que se reune a classe commercial de

Tetuão que alli tem occupações, assim como as tripulações dos pequenos navios surtos no rio.

Quando S. M. chegou a Martin a quantidade de gente alli reunida era immensa. O commandante do vapor *Mindello* e outros officiaes assim como o piloto marroquino que conduzira o vapor de Tanger a Tetuão que tinham ido receber S. M. a meio caminho de Martin, incorporarão-se na real comitiva que poucos momentos depois chegou ao sitio do embarque.—O augusto passageiro era esperado pelos escalleres reaes de remos levantados nos quaes tremulava brandamente a uma ligeira brisa de vento oeste a magestosa bandeira portugueza cujo harmonioso azul e branco brilhava com suavidade á luz do sol, casando-se bem com um céu azul povoado de vaporosas nuvensinhas brancas que parecia ser seu modêlo, e contrastando sensivelmente com o afogueado pertencioso dos pavilhões mouriscos. S. M. dignou-se entrar no primeiro escaler, e não foi sem a mais profunda saudade, decidida sympathia e admiração geral, por S. M. El-Rei D. Fernando, e sem que ficassem mais apertados os laços de amizade e honrosa união entre os portuguezes e os habitantes da Berberia, que os mouros perderam de vista o vapor de guerra portuguez *Mindello*.

Algumas horas depois S. M. El-Rei D. Fernando foi recebido pelo general governador e estado maior hespanhol em grande uiforme da praça de Ceuta, e tendo-se dignado El-Rei visitar aquella cidade e suas fortificações que o dito general teve a honra de lhe mostrar, o vapor *Mindello*, na madrugada do dia 25 tomava o rumo de Gibraltar.

OFFERECIMENTO
DA
GRÃ-CRUZ DA TORRE ESPADA
AO EMPERADOR DE MARROCOS.

Partiu o enviado portuguez de Tanger, no dia 3 de Junho ultimo, pelo meio-dia, tendo por comitiva as seguintes pessoas que, da melhor vontade, se promptificaram a partilhar os inconvenientes da viagem em tão critica estação e por paragens tão pouco seguras: empregados superiores, Manuel de Jesus Colaço, na qualidade de immediato e primeiro interprete arabe, por haver ficado o vice-consul encarregado interinamente do consulado geral; Julio Rey Colaço, na de Secretario. Inferiores: Haim Bendelak, interprete ordinario e Sid-El-Arbi El Nedjar, escrivão arabe; além d'estes, um alkaide de cento com a competente escolta, criados e almocreves, formando a caravana umas quarenta pessoas. Coincidencia singular; no dia 3 de

Junho de 1793, o consul Geral de Portugal, Jorge Pedro Colaço, saia de Tanger para a corte de Fez, no desempenho de uma missão do Rei Fidelissimo junto do Sultão Muley-Solimão.

Como então, o bachá governador de Tanger, ao constar-lhe esta partida, saiu ao encontro do representante portuguez com uma guarda de honra, ate que, cedendo ás instancias d'este enviado, despediu-se, recommendando ao referido alkaide todo o cuidado com a comitiva portugueza. De Tanger a Mequinez gastaram-se seis dias distribuidos pelos seguintes pontos intermedios, onde se pernoitou: Garbia, Tleta de Raissana, Alkassar-Kebir, Ben-Auda, Habbassi e Ben Eshliah.

Ao chegar o trem da embaixada a todos estes pontos, ordinariamente de tarde, estabelecia-se o acampamento, no meio do qual era arvorada a bandeira portugueza. Em Alcassar, juntou-se ao representante portuguez, o nosso vice-consul em Larache Victor Jose de Sousa, que sollicitamente o acompanhou na qualidade de medico, expondo-se como os mais empregados, aos incommodos e riscos de uma viagem que, tanto para elle medico como para alguns criados e soldados, teve o mau resultado de-lhes produzir febres. Quanto a esta jornada de ida,

não levando em conta uma rixa que teve logar em Alkassar, onde a comitiva chegou em dia de grande ajuntamento, por haveir feira, entre os almocreves da embaixada e alguns montanheiros arabes, que pagaram cara a tentativa, a circumstancia desagradavel que convem registar, é o calor abrasador que suffocava os viajantes augmentado na volta, juntamente com a escasses de agua potavel, sobre tudo nas planicies de Scherarda, onde por necessidade a bebiam de rios revoltos e quentes. Quanto ao mais, foram os portuguezes muito bem tratados pelos governadores dos ditos pontos do itinerario, os quaes, logo que chegava a nossa embaixada, forneciam-lhe por ordem do sultão os melhores manjares que podiam cosinhar, e os productos mais escolhidos que possuiam, causando admiração encontrar em logares onde os homens teem a apparencia e os costumes de salvagens, ricas bandejas de prata pittorescamente lavradas, contendo bellissima loiça da china, nas quaes eram o representante portuguez e sua comitiva servidos de chá superior e finas confituras com essencia de rosa que não invejariam as de Constantinopla.

O memoravel Wad-El-Mehkasen (rio das aguas podres,) assim chamado pelo estado horripilante e fetido em que ficou depois da batalha

de Alcassar-Kebir, foi passado pelas 6 horas da manhã do dia 5 de Junho, duas horas antes de chegar a Alcassar, e aqui cabe dizer que, ao pisar o representante os ondulantes campos onde se dera a infeliz batalha, ao contemplar aquella vasta arena, onde por uma temeridade infantil e crenças prematuras se eclipsaram as antigas glorias da patria; aquelles campos onde as sementeiras parecem nascer tremulas, e onde as aves matutinas, deixando o bosque immediato ao nascer do sol apparentam vir chorar em trinados melancolicos o sangue derramado dos nossos guerreiros; ao engolfar a vista por aquelles horizontes amarellos por onde appareceram as legiões dos combatentes luzitanos, o representante de S. M. F. em cujo peito bate um coração portuguez, não pôde menos que sentir-se possuido d'um horrivel estremecimento e d'uma melancolia indescriptivel misturada, forçoso é confessal-o, de sentimentos patrioticos, cuja demonstração não vem para o caso.

N'aquelle mesmo dia, pelas seis horas da tarde foi atravessado o rio Lucus dos Romanos.

No dia 8, sobre as 5 tambem da tarde, passou a embaixada em grosseiras lanchas o majestoso Sebú.

Ao partir a embaixada do ultimo ponto, Cherarda, onde terminam aquellas vastas planicies

para subir as montanhas que conduzem a Mequinez, o Alkaide Ben-Eshliah da Kabila em que se pernoitou, poz á disposição do representante portuguez uma força respeitavel de cavallaria, pois a grande tribu de Gueruan, visinha da dita capital se acha quasi sempre hostil ao governo vigente, e è composta de fanaticos insoffriveis; estes mouros atropelaram ultimamente uma caravana enviada pelo Rei, ao passar por aquelles mesmos sitios, e quatro dos mais complicados nos crimes resultantes, foram executados em Mequinez, e as cabeças espetadas em compridos páos, e collocadas ás portas da cidade para exemplo.

A partida do aduar de Ben-Eshliah teve logar pelas 5 horas da madrugada, do dia 9 de Junho, sob a tibia claridade da minguante lua; o caminho que a embaixada tomou era escabroso, a cavallaria escoltava o representante portuguez com as armas preparadas, e os guerrilheiros de Gueruan, que divagavam com as suas compridas espingardas, alguns meios nus e com cavallos sem freios, por entre as rochas e o emmaranhado da montanha, apercebendo rapidamente os christãos, os encaravam estupefactos; porque os nazarenos são para elles, entes de summa raridade, e objeto do mais encarniçado odio.

Depois de quatro horas de marcha, e occupando-se um lindo recinto formado por graciosos monticulos, foi encontrado um numeroso acampamento de cavallaria, que o Sultão havia mandado estabelecer alli, para conter os impertinentes caprichos da Kabila de Gueruan, e obviar á passagem dos viandantes. Alli, a pedido do enviado portuguez, teve logar uma graça feita pelo alkaide do acampamento, a um infeliz mouro, que coberto de farrapos e acompanhando o ligeiro passo da cavallaria, vinha desde muitas leguas chegado ao consul, sollicitando a sua intervenção junto do dito alkaide, de cuja authoridade dependia por haver ficado miseravel, em virtude de uns trigos que lhe haviam extorquido.

O consul agradeceu a boa justiça do alkaide e, recebendo as benções do filho da miseria, proseguiu a sua marcha.

O referido alkaide commandante do acampamento, offereceu logo á embaixada uma força de cavallaria a qual, substituindo a que se levava da ultima etapa, accompanhou os viajantes até á cidade de Mequinez.

A chegada a esta capital do Imperio teve logar pelas 11 horas do referido dia. Era sexta feira, dia sanctificado dos musulmanos, e a côrte, segundo os ultimos avisos, só contava com a

chegada da embaixada, ou na tarde d'aquelle dia ou no immediato pela manhã. Os viajantes, porém, haviam accelerado a marcha, porque segundo a opinião dos proprios arabes, não era prudente fazer nenhum alto na tribu de Gueruan, e em segundo logar interessava não permanecer por mais tempo, aos raios do um sol abrasador. A dita hora estavam por tanto as portas da cidade fechadas, porque segundo a praxe religiosa dos mouros, assim se pratica, quando o monarcha e os mais fieis vão orar ás mesquitas.

Soube porém S. M., que o representante portuguez se aproximava da capital, e apesar de se achar a côrte entregue ao sancto exercicio do dia, que por motivo algum deve interromper-se, ordenou o Sultão que immediatamente fossem abertas as portas de Mequinez, e que um numeroso corpo de cavallaria negra dos Bokharis, saisse a galope ao encontro da embaixada, commandada por um dos primeiros alkaides da côrte em ricos atavios.

Effectivamente a embaixada foi recebida por essa força, e pouco depois veio á procura do enviado portuguez, acompanhado de muita infanteria, o bachá governador de Mequinez, cuja authoridade largou precipitadamente a sua missa para ir receber e cumprimentar en nome do

Sultão o representante portuguez, repetindo em voz alta em meio d'um gentio immenso o significativo "Marhba bikum" "miats Marhba bikum.—bem vindo, cem vezes bem vindo.

Em seguida o proprio bachá conduziu a comitiva á casa que o Sultão lhe destinara, á porta da qual foi postada uma guarda de infanteria commandada por dois alkaides, tendo sido os aposentos preparados ao estylo mourisco, com ricas alcatifas das melhores fabricas do Imperio, colchões de seda e damasco pittorescamente ornamentados, alampadas e flores; o que juntamente com os arabescos das ogivadas portas e com as phantasticas letras que compunham os versetos do Alcorão esculpidos nas muralhas, faziam um todo extremamente agradavel.

N'aquella residencia desde o primeiro até ao ultimo dia que a embaixada esteve em Mequinez, foram-lhe diariamente enviados pelo governo marroquino as seguintes provisões: pão, carne, carneiro, gallinhas, ovos, pombos, legumes, hortaliças, frutas, chá, café, assucar e velas—tudo em tanta abundancia, na conformidade dos sentimentos hospitaleiros do Sultão, que havia não só para toda a comitiva, mas até para profusamente distribuir pelos pobres,—fornecimentos gratuitos que trazen origem da antiga hospitalidade com que se acolhiam os

viandantes nos povos de Ismael e a que os mouros dão collectivamente o nome de "muna."

Esta "muna" nos pontos do caminho que a embaixada havia percorrido, e exceptuando a dos governadores de provincia, que tambem era importante, não podia ser, em rasão á pobresa dos logares, nem tam abundante, nem tam variada como na côrte.

O bachá governador, tendo saido do referido edificio depois de deixar n'elle instalados os viajantes, tornou a apresentar-se ao representante portuguez para o cumprimentar de novo em nome do Imperador e por essa occasião asseverou que tinha Sua Magestade um sentimento que era o de não haver recebido o enviado de Sua Magestade Fidelissima debaixo dos estandartes musulmanos, e com outras demonstrações da verdadeira predilexão que dedica á nação portugueza, o que não teve logar pela anticipação com que a entrada da comitiva se effectuara e a pressa com que n'aquelle dia sanctificado deixaram o templo para ir receber o representante de Portugal, assegurando o bachá com voz alta e firme que o Sultão nos olha e nos estima como nação alliada das mais antigas e queridas.

O bachá tornou o repetir en nome do Rei bem vindo, cem vezes bem vindo—isto se pas-

sou no dia nove em que tambem foi o consul visitado por outros magnates.

No dia 11 teve o enviado portuguez a primeira entrevista com o ministro do Sultão, chamado Sid-Thaieb-Beliamani, vulgo Bu-ôcherin, homem de uns sessenta annos de edade, assaz palido, bem parecido, de olhos vivissimos e maneiras agradaveis, e mostrando ser muito intelligente.

Nessa entrevista não achou o consul opportuno communicar-lhe o objecto da sua commissão porque S. E. estava rodeado de parentes e grandes da côrte, mimoseando o dito consul com o aromatico chá, que costumam offerecer aos amigos. No dia immediato, 12, uma luzida escolta de cavallaria veio procurar o representante e comitiva á sua residencia, para os obsequiar com um divertido passeio pelos sitios mais pittorescos dos arrabaldes, e n'esta digressão foi visitado o acampamento das tropas regulares do imperador, que, se bem deixam muito a desejar, no que respeita á disciplina militar e equipamentos comparativamente com os corpos de Europa, com tudo manifestam a tendencia, que hoje existe no centro do imperio, graças ao bom espirito de que se acha animado o Sultão, para a organisação do seu exercito. N'este empenho lucta com o dualismo; os velhos

alkaides d'um lado optando pelo antigo systema, e os officiaes modernos pela reforma.

O dia 14 foi o destinado pelo Sultão para a audiencia publica, que concedeu ao enviado portuguez, e interessava por tanto explicar ao primeiro ministro quanto antes o objecto d'uma commissão nunca vista em Marrocos, isto é a dadiva d'uma condecoração ao Sultão d'este imperio, e que a entrega da competente Carta regia ou Diploma devia ter logar conjunctamente com as insignias da Torre Espada, que era a condecoração a offerecer em nome do Rei de Portugal, na occasião solemne da referida audiencia.

Por incommodos, porem, do referido ministro, só houve a noite do dia 13, vespera da entrevista, para esta difficil tarefa, a qual teve o exito que o enviado portuguez desejava, sendo perfeitamente acolhida a explicação pelo primeiro ministro Sid-Thaieb-Beliamani, o qual ficou simultaneamente satisfeito e pensativo. Uma conversa animada sobre condecorações seguiu-se entre o consul e o ministro, finda a qual apertou este a mão d'aquelle pronunciando com emphase as palavras:

"Sim amigo, o Sultão receberá com agrado o Nichan (condecoração), e na sua entrega observaremos a vossa regra."

Se este primeiro resultado foi desde logo honroso para a nação que se arrojou a enviar uma condecoração ao Imperador de Marrocos, aos antecessores do qual nem sequer se podia fazer menção de similhante objecto, honrosissimo foi o que se deu na manhã immediata, e que vamos referir em seguida.

As 8 horas da manhã do dia 14 de Junho, tendo-se o enviado portuguez munido cuidadosamente do diploma acima referido e da caixa contendo as insignias da Grã Cruz da Torre Espada, achando-se de uniforme assim como os empregados que o acompanhavam, apresentou-se na sua residencia ricamente trajado o Kalifa do Kaid Mesuar do Sultão, isto é, o segundo introductor de Embaixadores, para, na forma do estylo, conduzir o representante portuguez e sua comitiva á presença do seu soberano com a competente guarda de honra. Montando todos a cavallo, precedidos e seguidos de soldados negros da casa imperial, bem como da escolta de Tanger, emprehendeu a embaixada a marcha em cavallos da casa real para esse fim enviados pelo imperador. Ajuntou-se pelas ruas do transito muito povo que acudia levado da curiosidade, saindo d'entre a multidão as seguintes palavras: "esté é amigo do Rei" etc.

As avenidas do palacio imperial estavam

cobertas de tropas, que á passagem da comitiva fomavam alas d'um e d'outro lado honrando o representante de S. M. F. com continencias militares.

Essas tropas, com parte das que guarneciam a praça da recepção, constituiam una divisão de oito mil homens aproximadamente e eram das regulares que o Sultão organiza em Mequinez, Fez, Marrocos e outras cidades centraes.

Seguidamente chegou a comitiva a uma esespaçosa praça ou esplanada, vendo na frente uma alta muralha, interrompida no centro por um grande portico ogivado, ao estylo mourisco, e á distancia d'ums vinte metros outro portico da mesma forma, mas de menores dismensões, levantando-se majestosamente pela parte do dentro d'essa muralha os minaretes e cupulas do palacio imperial.

Do lado opposto havia terrassos, cheios principalmente de mulheres mouras com as caras cobertas e envolvidas em roupas brancas.

A immensa esplanada estava igualmente guarnecida de tropas; somente aqui, como era o ponto de reunião entre o representante portuguez e o Sultão, havia tambem grande numero de tropas indigenas ou irregulares das commandadas pelo bachá de Mequinez e outros velhos alkaides do Imperio, governadores, e cherifes,

os quaes formavam, á frente das suas legiões, grupos distinctos, que offereciam um interessante apparato.

N'este momento, aproximando-se ao consul o bachá de Mequinez, disse este com contentamento para os outros grandes mahometanos, que se chegavam a cumprimentar o representante de S. M. F. "Fui eu o primeiro mouro com quem o embaixador portuguez fallou ao entrar em Mequinez"

Precisamente no centro desse largo assim occupado por milhares de soldados e espectadores, tomou posição o consul e comitiva para esperar o Sultão seguindo-se alguns momentos de pausa.

O Imperador de Marrocos não tardou em apparecer singelamente trajado com ligeiras vestes brancas, apanhadas no meio do corpo por um rico cinturão azul e cavalgando um soberbo ginete, com arreios de prata. S. M. vinha acompanhado do Kaid-Meshuar—isto é, introductor de Embaixadores, pelos seus ministros e grandes da corte a pé—os quaes ficaram a alguma distancia, figurando no sequito os cavallos de respeito, lindamente ajaezados e trazidos á mão, bem como uma carruagem de cor azul e ornamentos de oiro, puchada por um só cavallo igualmente trazido pela redea junto dos primei-

ros, os quaes foram collocados em semicirculo á direita do Sultão. A este tempo S. M. que se havia adiantado a cavallo, achava-se junto do enviado portuguez, que pela sua parte se havia dirigido ao encontro do Sultão. Este soberano dirigiu-lhe então as mais affaveis expessões allusivas á sincera e antiga amisade que liga os dois povos portuguez e marroquino, e cabendo ao consul responder-lhe, cumpriu a sua commissão saudando a S. M. e manifestando-lhe com phrases apropriadas, os sentimentos de reciprocidade que anímam a El-Rei de Portugal, para com o seu amigo o imperador de Marrocos; tudo segundo as iustrucções que o consul levava do governo portuguez.—Ao mesmo tempo, em presença do estado maior do Sultão, das tropas e do numeroso e brilhante concurso alli reunido, verificou o enviado de S. M. F. a entrega solemne da grão Cruz da antiga e muito nobre ordem militar portugueza da Torre Espada do valor, Lealdade e Merito, que o Imperador de Marrocos aceitou com summo agrado e satisfação, alargando fóra do seu costume os proprios braços para receber o diploma e as insignias da ordem.—Estes objectos foram depois depositados nas mãos do Kaid-Meshuar para serem condusidos ao interior do real palacio, e assim ficou introduzida no Imperio de Marrocos

á primeira condecoração, que o seu soberano recebe de um monarcha estrangeiro para honra da nação portugueza á iniciativa da qual se deve por este facto um grande passo para a civilisação do mesmo Imperio.

Sua Magestade por essa occasião perguntou ao representante de Portugal, se tinha sido bem tratado pelos governadores de provincia, e accrescentou com verdadeiro contentamento—"Miats, Alef marhbabek"—cem vezes, mil vezes bem vindo.—Finda esta importante, quanto rara ceremonia, que foi presenciada com profundo silencio e admiração pelos espectadores, e depois de apresentados os addidos á embaixada, retirou-se S. M. ao som da musica militar, que havia acompanhado todo este acto. O enviado Portuguez, sendo cumprimentado pelos officiaes superiores, montou a cavallo com a sua comitiva, sendo conduzidos por entre as tropas e o povo á respectiva residencia, do mesmo modo que para aquelle logar haviam ido.

Neste regresso, a multidão acudia ainda mais do que á ida, saindo repetidas vezes d'entre as massas as seguintes palavras:—"o Rei é amigo d'este christão, bem vindo seja, bem vindo o amigo do Rei" Cabe aqui dizer, que foi esta occasião propicia para o offerecimento, nunca até aqui tentado, de uma condecoração ao im-

perador de Marrocos, pois n'esta viagem do consul a Mequinez, não sómente este viu corroboradas as suas supposições sobre o actual sultão não ser afferrado, como os seus antepassados, ao fanatismo que infelizmente ainda domina no seu Imperio, mas que este mesmo soberano pensa em instituir uma ordem subjeita á forma do sol.

Na tarde d'esse dia houve novo passeio a cavallo com brilhante escolta, e por disposição de S. M. no seguinte dia, o magnate Sid-Abdallah, encarregado pelo Sultão da direcção e provimento das tropas, offereceu ao enviado portuguez um lauto jantar, onde se achavam o grande Sherif Edris, parente do antigo Rei Muley Soleiman, outros magnates do imperio e o coronel Krudja, oriundo de Tunez, instructor d'um corpo de tropas.

No dia 17 obsequiou S. M. o representante portuguez, fazendo-o percorrer com um luzido acompanhamento os seus bellos jardins d'Agdal, onde o gracioso correr das gazellas forma curioso contraste com os pesados movimentos do avestruz.

A noite o primeiro ministro, Sid-Thaieb-Beliamani offereceu ao consul uma esplendida ceia profusamente servida por soldados negros, n'um lindo jardim de estylo verdadeiramente

oriental, cheio de fontes, arabescos e flores; e por essa occasião combinou o representante de Portugal com o primeiro ministro, e apresentação de despedida ao Sultão.

Effectivamente na manhã do dia 18, tendo sido conduzido á presença do dito soberano com as mesmas formalidades da primeira audiencia, S. M. recebeu-o com igual, senão maior affabilidade, repetindo os seus desejos de conservar e estreitar cada vez mais com S. M. el Rei de Portugal, as boas relações que tanto amaram seus avós e que ligam ambos os povos.

A apresentação n'esse dia teve logar na quinta regia d'Agdal, e tanto na ida como na volta, as tropas regulares do Sultão, postadas em pelotões pelo caminho que seguia a comitiva, executavam differentes evoluções; alem d'isto o grande largo das guardas que precéde a dita quinta estava coberto de tropas irregulares, as quaes se achavam assentadas com as armas no chão, levantando-se em continencia á passagem do representante de Portugal.

Havendo este regressado penhorado das maneiras do Imperador á sua residencia, e sendo meio-dia, enviou-lhe S. M. de presente um formoso cavallo, ricamente ajaezado, acompanhado de um grande official da côrte, do primeiro alkaide das reaes cavallariças e de uma guarda

de honra. O dito alkaide apresentou-lhe mais uma espingarda mourisca, e a cada um dos empregados uma espada, cabendo aqui dizer, que o dito cavallo e arreios correspondentes, é a melhor coisa que o Sultão tem dado aos representantes christãos que o tem ido visitar. E assim havia de acontecer, pois não foi o animal escolhido por nenhum alkaide, como geralmente tem logar, senão pelo proprio Sultão, dando ao representante portuguez o mesmo cavallo com que o governador da provincia de shauia presenteou o Sultão, por accasião da ultima visita de S. M. á cidade de Rabat. O Rei tinha este cavallo em muita estimação, e alguns dos seus parentes lh'o haviam pedido em troca de outros objectos de grande valor; mas o Sultão nunca quiz cedel-o nem prestal-o para montar, fazendo uso do animal alternando com outros, para ir nas sextas-feiras á mesquita, até que chegando o consul portuguez lh'o offereceu como prova inequivoca de predilecção. N'esse dia foi o enviado portuguez mui cumprimentado pelo modo excepcionalmente benevolo como o Sultão o havia acolhido, e a cada um dos creados do consul coube o donatlvo de um bom vestuario.

A 20 fez o representante portuguez suas ultimas despedidas aos magnates, que o haviam obsequiado, distribuindo pelos empregados e

creados da côrte ao seu serviço as gratificações do estylo, e tendo tudo prompto para partir, o Ministro Sid-Mussa, particular amigo e confidente do Imperador desde a juventude desse monarcha, por disposição do seu amo e desejo proprio, preparou ao consul portuguez um agradavel festim nocturno, acompanhado de musica. A bella residencia em que este convite teve logar, achava-se illuminada com alampadas mouriscas, e á par que o serviço da ceia era executado por alkaides e que o ministro Sid-Mussa com o grande Sherif-El-Bakkali obsequiavão os seus hospedes de todos os modos que podiam, o som interessante e poetico das musicas arabes que tocavam á entrada do salão, tornavam cada vez mais agradavel aquella festa de consideração e amisade.

Sid-Mussa, ao obsequiar assim o representante de Portugal, obrava, não só para satisfazer á vontade do Rei, mas tambem pela estima que os seus antepassados sempre entretiveram com os do consul, sendo certo, que esse ministro não constuma obsequiar os christãos que vão á corte, cuja incumbencia pertence a Beliamani.

No dia immediato, 21, partiu a embaixada de Mequinez sendo acompanhada pelo bachá governador e a sua tropa até algumas milhas de distancia onde agradecendo-lhe o consul atten-

ção, rogou-lhe que se retirasse. Mais adiante o Alkaide Achach thesoureiro da casa real veiu immediatamente cumprimentar o representante, e ao mesmo tempo insistiu em que o medico portuguez da embaixada aceitasse uma finesa que em remuneração dos medicamentos por elle subministrados na côrte lhe enviava o Imperador. Debalde se tentou recusar esta offerta; o referido alkaide tinha ordens terminantes para não a levar de volta, e aqui terminaram os agradaveis dias de Mequines; mas como para neutralisar os seus bons effeitos, calores e fadigas de maior grau ainda que as primeiras, aguardavam os viajantes n'esta jornada de regresso na qual a alguns individuos da caravana sobrevieram doenças.

Esse primeiro dia foi preciso passal'o em marcha sob os raios d'um sol equatorial para poder transpôr, ainda de dia, as perigosas montanhas da fanatica kabila de Gueruan que o Sultão trata de submetter em occasião opportuna; e como por disposição do governo mouro, foi determinado que se costeassem quanto possivel aquelles terrenos para se afastarem os viajantes do centro, passou a comitiva a curta distancia de Mulay-Edris-l-garhora sanctuario do fundador de Fez, e foi sempre o consul escoltado por cavallaria que, conforme se avançava, ia-se ren-

dendo no caminho ate chegar a comitiva ás planicies de Sherarda e ao logar do alkaide já nomeado Ben-Eshliah. As tribus de Sherarda não são das mais pacificas do Imperio e amam a guerra com as circumvizinhas, onde tambem se acham os Beni-Hassen por onde depois passou a embaixada.

Pondo de parte a narrativa de pequenos incidentes de viagem por ociosos, não deixaremos porém de notar um acontecimento que podia não somente ter eclypsado o bom exito de tão honrosa commissão, mas ser a origem do massacre de toda a caravana.

Pelas tres horas da madrugada do dia 22, deixamos Ben-Eshliah, cujo alkaide nos forneceu uma força de cavallaria para nos acompanhar até o governo de El-Habbassi, da provincia do Garb; e como a jornada era longa, tal vez mais do que a anterior, nos convinha cortar o rio Sebu a tempo de chegar, ainda de dia, ao dito governo.

A intensidade do calor que se sentia n'essa interminavel e flamejante planicie era inconcebivel, e muito sentiu o consul não ter comsigo um thermometro para fixar o grau do intenso fogo que por todos os lados devorava os viajantes. Chegaram estes ás margens do Sebu quando o sol estava perpendicular, é passaram vaga-

rosamente aquelle rio nas suas pesadas lanchas. Esta passagem foi assaz demorada, porque alguns animaes extenuados de cansaço, não queriam saltar para dentro das lanchas, e foi mister suspendel-os. Ao ganhar em fim a margem opposta, martyrisados os viajantes pelo calor, o seu primeiro objeto foi procurar com a vista coisa que se parecesse com uma arvore, e não esperando que o grosso das escoltas, ainda a passar o rio, os acompanhasse, partirão a galope em direcção de tres ermas figueiras que entre os vapores das terras descubriram, e a cuja escassa sombra se abrigaram. O chão estava cheio de herva comprida e secca, por entre a qual saltavam e esvoaçavam milhares de insectos diversos, e a não muita distancia começavam os trigos, defficientes este anno, dos muitos aduares espalhados por aquellas planicies. A debilidade dos viajantes era extrema, pois nenhum alimento haviam tomado em todo o dia, por haver ficado o trem das bagagens, segundo o costume, a grande distancia na retaguarda. Urgindo por tanto preparar alguma comida da que se levava de prevenção, por fazer, ordenou o consul que se accendesse lume. O estado porem de torpor em que infelizmente se achava o fadigado servente d'isso incumbido, junto com a violencia do vento quente que soprava pelo lado do occi-

dente, fez com que o lume se transformasse instantaneamente em lavareda, e corresse pelo campo dando repetidos estalos na direcção dos trigos, com uma rapidez incrivel, sendo inuteis quantos esforços fizeram os viajantes para apagal-o.

A vista das chammas alarmou as gentes semi-selvagens d'aquellas paragens; e á chamada d'um chefe arabe alli attrahido, o qual, de pé encima da sua cavalgadura acenava com o seu bornoz branco á roda da cabeça e despedia horrivelmente o grito de guerra que entre aquelles povos usão, centenáres de mouros appareceram em breves instantes em grande parte quasi nus, uns a cavallo, outros a pé, de todas as idades e de ambos os sexos, armados de tudo quanto o momento lhes havia proporcionado, correndo em nossa direcção, e cahindo sobre as lavaredas com pasmoso furor e anciedade. Immediatamente estabeleceram-se em duas columnas de apagadores, uma encarregada de arrancar as hervas e mattas a grande distancia das chamas; outra dando n'estas incessantes golpes com espadas, paus, ramos das figueiras, e quanto tinham á mão: as mulheres pelo seu lado chorando amargamente diziam que os christãos lhes haviam arruinado todo o pão do anno.

N'esta faina foram empregados os soldados

e mais gentes da embaixada; e apesar de que os alkaides, pela responsabilidade que para com o enviado portugues lhes cabia, convidaram este a deixar aquelle sitio onde o gentio embrutecido que para elle corria era já immenso, nem tal conselho podia seguir-se sem fazer crer áquelles fanaticos que o fogo houvesse sido ateado de proposito, nem era airoso abandonar o logar do perigo quando, embora involuntariamente, era a embaixada a causa daquelle desagradavel incidente. O fogo n'aquelles momentos fazia recordar esses grandes incendios que devastam por vezes as savanas da America fazendo fugir de terror até os animaes ferozes. Deliberamos pois auxiliar quanto possivel a extinção do fogo que felizmente, depois de aturado trabalho, quiz a providencia que fosse vencido antes mesmo de chegar aos trigos e ás barracas dos mouros, sem uma só gotta de agua e unicamente á força de páncadas. N'este feliz momento romperam as turbas no seu emphatico "el hamdu-lillah" isto é, louvado seja Deus!

A esse tempo, uma multidão immensa de semi-salvagens rodeava os christãos; mas dirigindo o mencionado chefe a palavra ao consul, disse-lhe que não tivesse cuidado, que elle era considerado como irmão, e que se ás forças que levava quizesse juntar alguns dos seus, estavam

promptos para o seguirem.

O quadro era expressivo, depois do panico produzido pelo fogo.

Findo este incidente, que tão tristes resultados poderia haver tido, caso de que os embrutecidos fanaticos vissem arder os trigos do seu sustento, e as cabanas de pelles de animaes em que vivem n'aquellas planicies, o consul agradeceu ao dito chefe, sem aceitar, a offerta que lhe havia feito, e proseguiu com a sua comitiva a marcha para o sitio do governador Habbassi, aonde chegaram quasi á noite, muito cançados, e na maior debilidade.

Só algumas horas depois da chegada dos viajantes, é que a esses pontos de etapa chegava o trem das bagagens e mais utensilios, pois, para adiantar caminho, não se podia esperar de manhã que se levantasse o acampamento onde se pernoitava, e, por via de regra, partiam sempre os viajantes muito adiante do referido trem.

No logar do governador El-Habbassi terminaram, por assim dizer, os tormentos da viagem, pois se bem o calor era sempre intenso, as jornadas, pelo seu lado, eram mais curtas e seguras, encontrando-se tambem, de dia para dia, mais arvoredo e melhor agua.

D'este modo, e tendo-se distinguido entre os governadores de provincia o bachá Ben-Ouda

pela pompa com que tratou o representante portuguez, chegou este á Garbia pelas 6 horas da tarde do dia 26 de Junho, e quasi á mesma hora do dia seguinte á cidade de Tanger, onde foi recebido pelas authoridades. Logo depois de regressar, foi cumprimentado pelo bachá governador da cidade o provincia, e por todo o corpo diplomatico e consular.

Só no logar chamado "Telata-de-Raissana," n'este ultimo trecho desde El-Habassi a Tanger, no dia anterior á chegada á Garbia, foi preciso durante a noite, ficar todo o acampamento acordado e de armas na mão, pois sabia-se que varias partidas de salteadores se achavam disseminadas pelos sitios de Escuicherruas, Gebel-Habib e outros, costumando ser Telata-de-Raissana o seu ponto de reunião, principalmente á noite.

Não passaremos em claro que desde El-Habbassi a Tanger n'esta viagem de volta e ao deixar Alcacer Kebir, não pode resistir o consul ao desejo de visitar as duas pontes ainda existentes se bem que em condições diversas, sobre o rio Mehkazen no campo da memoravel batalha. Assim, logo que o representante portuguez chegou a estes sitios, em logar de seguir o caminho de S. O. a N. E., que levava a comitiva, e encarando a formosa posição que ao principio da batalha havia occupado o exercito portuguez,

desviou-se da estrada e dirigiu-se a galope seguido de um soldado de cavallaria para a reintrança que do lado direito forma o curso ondulatorio do rio. Alli a vegetação que orna ás suas margens, sendo espessa, occulta aos que passam pelo dito caminho, a vista das historicas pontes. Chegado o consul á primeira d'estas, encontrou-a perfeitamente solida passando-a e tornando-a a passar. Não denota ella o menor indicio de querer abalar por lado algum, antes parece modelo perpetuo de boa construcção; sómente o tempo lhe tem por partes acinzentado, por partes amarellado a côr; as terras accumulando-se sobre seus arcos de um e outro extremo, a tem como que abraçada, reverdecendo por entre as fendas do seu empedernido material algumas palidas raminhas que apropriadamente a matizam. Alem d'isso uma frondosa figueira, erguendo-se conchegada por uma das paredes do centro, faz cahir as suas entrelaçadas ramas para o meio da ponte, produzindo uma agradavel sombra.

De longe affigura-se este exilado monumento como um saudoso jazigo.

Da segunda ponte só resta um torrado fragmento em forma de palpebra martyrisada por alguma dor. Por entre ambas as pontes, as aguas hoje limpidas, do Mehkazen, movem-se tacitur-

nas interrompendo a tranquillidade das margens com lastimosos murmurios.

Dir-se-hia que as lagrimas da patria correm alli sempre carpindo a malfadada sorte de Sebastião, n'aquelle cemiterio, onde ficaram enterradas as antigas glorias de Portugal. E qual foi o caminho que El-Rei tomou quando engolfado na mauritana chusma, assegurava que a dignadade real havia de perder-se com a vida?

Iria na direcção que Luiz de Brito segundo alguns historiadores, referia sem que nenhum sarraceno lhe desse alcance?

Julgamos que não, e pensamos antes, que desde aquelles campos seguiu um caminho sem que nenhum mortal o acompanhasse ao remontar o seu vôo, porque foi para o ceu.

Do offerecimento da Grã Cruz da Torre e Espada ao Imperador Muley Mohammed que deixamos narrado, occupou-se a acreditada folha de Lisboa "Jornal do Commercio," nos seus numeros 3566 e 3567, de 7 e 8 de Setembro de 1865; e como o enviado portuguez, reputando o cavallo e arreios com que o dito Soberano o presenteara, assaz preciosos para serem offerecidos a Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom Luiz I, supplicára ao mesmo Augusto Senhor que os aceitasse, a cuja súpplica se dignou Sua Magestade annuir, o referido Jornal, no seu N.º 3545, do dia 12 de Agosto d'aquelle anno, noticiara este offerecimento nos termos seguintes:

BRINDE AO REI.

"Alguns jornaes, por mal informados, teem "noticiado que o Imperador de Marrocos presen- "teara S. M. El-Rei o Senhor Dom Luiz, com "um cavallo baio marroquino, de tres annos, "destinado a padrear."

"S. M. recebeu effectivamente um bello ca- "vallo marroquino ajaezado ricamente, isto é "dignou-se acceitar aquelle com que o Impera- "dor de Marrocos presenteou o nosso consul em "Tanger quando foi a Mequinez em uma com- "missão especial do governo portuguez."

"Tão rico foi este presente que o Imperador

"de Marrocos fez ao Sr. José Daniel Colaço que "este nosso funccionario, o achou digno de o "offerecer a El-Rei, que se dignou acceitar-lh'o.

"O Sr. Raymundo Celestino Colaço, irmão "do Consul, veiu a Lisboa trazer o presente e "ainda se acha n'esta capital."

Ja que fallamos da primeira acceitação de uma ordem distinctiva por parte do Soberano de Marrocos, que nunca d'antes tinha admittido taes offerecimentos, diremos tambem que o filho de Sid Mohammed, o actual Sultão d'aquelle Imperio, Muley El-Hassan, foi igualmente por Sua Magestade El-Rei de Portugal agraciado com a Grão Cruz da Torre Espada. Somente que, desta vez não foi feita a entrega em audiencia publica, e sim na particular que para o offeito Muley El-Hassan nos concedeu, isto pelas razões seguintes:

Corria o anno 1876, e tendo deliberado o Governo Portuguez enviar uma Missão Especial a este Soberano, com o objeto de em nome de Sua Magestade Fidelissima felicital-o pela sua elevação ao Throno Cherifiano, como assim tambem resolveram, por parte dos seus respectivos Soberanos, os governos da Allemanha, Grão Bretanha, França, Italia e Hespanha, foi organizada a expedição Portugueza, que partiu de

Tanger em Maio de 1877, em cujo anno se effectuaram as Missões das ditas Potencias.

Não era ja a primeira condecoração a offerecer ao Imperador de Marracos, cuja primazia havia pertencido á ceremonia de 1865 que acima fica relatada, e como dissemos, o objeto principal da Missão, de que tivemos a honra de ser incumbidos, era apresentar a Muley El-Hassan os emboras da Côrte Portugueza pela exaltação ao Throno dos seus antepassados, para o desempenho da qual eramos portadores da competente credencial, e a par disso levavamos o alto encargo de lhe offerecer a mencionada Grão Cruz, por parte do nosso Augusto Soberano.

Os embaixadores das outras Potencias se haviam limitado a apresentar ao Sultão no acto da Audiencia publica, as suas respectivas credenciaes, depositando no campo da audiencia os presentes materiaes de que eram portadores, e como nós iamos em analogas condições, e alem disso o Grão Vizir nos havia manifestado o desejo de obter de nós uma explicação verbal do significado da distincção, por isso combinamos que a entrega da Grão Cruz a fariamos n'uma audiencia particular.

Para maior esclarecimento acerca destes factos, e mesmo como informação relativa ao modo honroso como o Enviado Portuguez rea-

lizou a sua viagem á côrte marroquina, em seguida transcrevemos, com a devida venia do Governo de Sua Magestade, os seguintes documentos:

Officios Nos. 15 e 16, datados em Mequinez a 7 e 10 de Junho de 1877 e dirigidos ao Exmo. Sr. Ministro e Secretario d' Estado dos Negocios Estrangeiros em Lisboa.

Relatorio datado de 19 de Junho de 1877, e additamento de 10 d' Agosto do mesmo anno.

Aqui cabe explicar, que a ostentação de todo um exercito, ao chegar um Embaixador estrangeiro á côrte marroquina, é caso peregrino em Marrocos, que nesta viagem foi devido á circumstancia de o Soberano ter sido acompanhado de Fez a Mequinez pelo exercito, á frente do qual o Sultão devia seguir para o Sul dos seus Estados a fim de submetter á obediencia tribus revoltosas de diversas localidades, e devido tambem á graciosidade que Muley El-Hassan quiz usar para com o Enviado de Sua Magestade El-Rei de Portugal.

Nas occasiões ordinarias, ha sempre grande concurso de tropas quando um Embaixador faz a sua entrada na côrte; mas não um exercito, porque geralmente, na côrte não o ha reunido como aconteceu quando a Embaixada Portugueza chegou a Mequinez no dia 7 de Junho de 1887.

Mequinez, 7 de Junho de 1877.

Illmo. e Exmo. Sr.

Tendo tido o Sultão Muley El-Hassan de passar de Fez para esta capital em virtude do movimento militar a que o abrigara o estado de insubordinação em que se acham certas kabilas que nunca prestaram uma completa obediencia ao seu governo, recebi, depois de sete dias de marcha, e precisamente no logar onde se bifurcam os caminhos de Fez e Mequinez, uma carta do primeiro Ministro Sid-Mussa-Ben-Hemed, concebida nos termos mais affectuosos, convidando-me a seguir vagarosamente para esta capital, a fim de dar tempo á passagem que o Sultão effectuava d'aquella para esta cidade, dando ao mesmo tempo o Vizir marroquino as necessarias ordens para que em todo e qualquer ponto onde melhor me approuvesse demorar, fosse tratado pela authoridade respectiva, com as maiores attenções, e recommendando fortemente que nada me faltasse.

Assim, depois de dezoito dias de marcha desde a nossa sahida de Tanger que foi a 21 do proximo passado, e tendo sido recebido pelas authoridades dos differentes districtos por onde passei, com as devidas honras, segundo explicarei no competente relatorio, cheguei hoje aqui

pelas nove horas da manhã, tendo-me o Sultão Muley El-Hassan preparado a entrada mais brilhante que ate hoje se tem feito, bastando dizer a V. E. que S. M. Scherifiana mandou estender o exercito que desde Fez o acompanhara, e a guarnição desta cidade, em alas na distancia de tres milhas ate as portas desta capital, cuja força calculo em vinte mil homens, sahindo ao meu encontro todas as authoridades e principaes habitantes, bem como todos os Magnates que de Fez vieram com o Imperador, e achando-se apinhada por toda a parte sobre as muralhas, sanctuarios e minarctes, terraços e nas ruas do transito, quasi toda a povoação desta cidade. Confesso a V. E. que o espectaculo era sobremodo curioso, imponente, e no dizer de todos é a primeira vez que um Enviado christão é recebido com tantas provas de sympathia e esplendidez.

O que tenho a honra e a satisfação de levar ao superior conhecimento de V. E.

Deus guarde a V. E.

Illmo. e Exmo. Sr. Marquez d' Avila e de Boloma, D. Par do Reino, Presidente do Conselho de Ministros, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros.

Jose Daniel Colaço.

Mequinez, 10 de Junho de 1877.

Ilmo. e Emo. Sr.

Tenho a honra de communicar a V. E., que a minha audiencia publica com Sua Magestade o Imperador Muley El-Hassan, teve hoje logar á 8 horas da manhã, pela seguinte forma:

Chegando á grande praça contigua e pertencente ao palacio imperial, aonde me apeei, ahi encontrei todas as authoridades militares e civis da cidade, e formada em redor toda a força militar de infanteria da guarnição, apparecendo em seguida, montado em um lindissimo cavallo de côr russa, ricamente ajaezado á oriental, Sua Magestade Imperial, acompanhado por um numeroso sequito de peões, que constituem a sua côrte, e entre os quaes occupava o primeiro logar á direita, o Vizir do imperio Sid Mussa Ben-Hemmed, e outro dictincto personagem, que como de costume levava o riquissimo chapeo de sol para resguardar Sua Magestade dos raios solares, precedendo todos o introductor dos embaixadores, o qual depois de Sua Magestade aproximar o seu corsel, me annunciou, recebendo-me Sua Magestade com testemunho de superior affecto e distincção, circumstancia mui particularmente observada pelos principaes de Marrocos.

Por occasião de depositar nas mãos do sobe-

rano marroquino a credencial, pela qual Sua Magestade me nomeou chefe da missão especial junto a esta côrte, expliquei-lhe a expressão della, dizendo tambem o muito apreço em que Sua Magestade meu Augusto Amo o considerava, dignando-se Sua Magestade imperial responder-me, que caprichava em conservar as boas relações d' amisade que sempre existiram entre Portugal e Marrocos desde o seu antecessor Muley-Abdelah.

Concluido este acto apresentei as pessoas da minha comitiva, retirando-se Sua Magestade em seguida e salvando a artilheria das fortalezas da cidade.

Por esta occassião cumpre-me tambem levar ao superior conhecimento de V. E. que soube, pelo primeiro ministro, que Sua Magestade accedia a dar-me uma entrevista particular na sua residencia para a entrega da Grã Cruz da Torre Espada, valor, lealdade e merito.

Deus guarde a V. E.

Illmo. e Exmo. Sr. Marquez d' Avila e de Bolama, dignissimo Par do Reino, Presidente do Conselho de Ministros, Ministro e Secretario d' Estado dos Negocios Estrangeiros.

Jose Daniel Colaço.

RELATORIO

da viagem da missão especial de Sua Magestade Fidelissima á côrte marroquina, e da entrega ao Sultão Muley-El-Hassan, da Grã Cruz da Torre Espada do Valor, Lealdade e Merito.

No dia 21 de Maio de 1877, ás 2 horas da tarde, partiu de Tanger a missão especial de Sua Magestade Fidelissima ao Sultão de Marrocos Muley-El-Hassan, cujo pessoal se compunha de:

Jose Daniel Colaço, Enviado Especial, e familia. Fernando Maria Bomtempo, Secretario. Manoel de Jesus Colaço, Vice Consul em Tanger. Jose Butler, Vice Consul em Saffi, servindo de Interprete. Doutor Arthur Leared, subdito inglez medico, e esposa. Mimon Delmar, Interprete local. Abd-Rahman Belaiachi, soldado mouro. Vinte creados, sendo o principal o portuguez João dos Reis, tendo a seu cargo a bandeira nacional e a collocação della

em todos os acampamentos. Arrieiros e carregadores, 46. Uma força de cavallaria de 50 cavallos, commandada por um alcaide de elevado rango. Trinta cavalgaduras de sella. Bestas de carga, cavallos mulas e camellos, 100. Barracas para os acampamentos, 35. Total 128 pessoas e 180 cavalgaduras.

PRIMEIRO DIA DE VIAGEM.

21 de Maio de 1877.

Fomos acompanhados até ao rio *Suani* pelos Ministro de Hespanha, com todo o pessoal da Legação, Ministro d' Italia, Ministro de França e seu pessoal, Representante dos Estados-Unidos d' America, Secretario da Legação ingleza, e varias outras pessoas; proximo ao rio eramos esperados pelo Pachá de Tanger com uma força de cavallaria, o qual nos fez as suas despedidas desejando-nos uma feliz viagem, e confirmando a recommendação dada pelo Sultão para que fossemos tratados com as maiores attenções, chegando á primeira estação ou acampamento em Kaarmel ás 5½ horas da tarde logo depois da passagem do rio M'harhar.

Passada meia hora da nossa chegada, vieram os habitantes daquelles arredores traser a *muna* a que são obrigados por ordem do Sultão, como

prova de boa hospitalidade para com os embaixadores estrangeiros, e que consta de vitellas, carneiros, gallinhas, ovos, pombos, pão, manteiga, chá, assucar, stearina, hortaliça, fructa e por vezes alguns pratos da cosinha marroquina, não esquecendo o nacional *kuskus*.

2.º dia, 22 de Maio de 1877.

Sahimos de Kaarmel ás 5½ horas da manhã, despedindo-se de nós o Representante dos Estados Unidos d' America, que até este ponto nos acompanhára. Hora e meia depois, o segundo governador de Tanger Sid-Abdelmaleck-Belhashmi, que se achava em commissão naquelle districto, veio cumprimentar-nos até ao limite do mesmo, tendo logar esta entrevista no sitio chamado N'-Zala de Benhatab, junto ao rio M'gerah-el-hechef, chegando ao segundo acampamento em Gharbia ás 9½ horas da manhã.

De tarde os habitantes dos aduares mais proximos trouxeram uma abundante *muna*.

3.º dia, 23 de Maio de 1877.

Sahimos ás 4½ horas da manhã de Gharbia; 1½ hora depois passamos o rio *Aiaxa* e pelas 8 horas no logar chamado Ben-el-iamani, ponto dimarcativo entre os districtos de Tanger e La-

rache, esperava-nos uma força de cavallaria enviada pelo pachá deste ultimo ponto, e commandada pelo seu kalifa; ahi, trocados os devidos cumprimentos e feita a despedida do segundo governador de Tanger, continuamos a marcha, começando a cavallaria com os seus lindos exercicios, vulgarmente conhecidos por corridas de polvora, aonde bem se pode admirar a belleza e qualidades do cavallo deste païz, e a dextresa e firmesa do soldado marroquino. Estas corridas que são das maiores honras que os mouros pódem dispensar, continuaram sem interrupção até ao quarto acampamento em Telata de Raissana aonde chegamos ás 10 ½ horas da manhã. Ahi se achava o Vice Consul portuguez em Larache que veio ao nosso encontro para nos cumprimentar. De tarde como de costume, os habitantes dos aduares mais proximos trouxeram a muna.

4.º dia, 24 de Maio de 1877.

Sahimos de Telata de Raissana ás 5 horas da manhã; uma hora depois, achando-nos proximo da celebre ponte do rio M'Khazen, que quer dizer deposito, (nome posto pelos mouros pela quantidade de sangue e cadaveres que ali se accumularam na nefasta batalha de Alcassar-el-Kebir do dia 4 d' Agosto de 1578) ahi, de-

pois de bem examinada esta antiga ponte e passarmos as horas do calor, seguimos a jornada sendo esperados a meio caminho pelo segundo governador de Larache com a sua cavallaria, authoridades d' Alcassar-el-kebir, e sua musica, distincção que só costumam usar os mouros em demonstração de sympathia e obsequios entre elles, acampando junto a esta cidade ás 6 horas da tarde, aonde as referidas authoridades mandaram distribuir uma abundantissima *muna*.

5.º Dia, 25 de Maio de 1877.

Sahimos d' Alcassar-el-kebir ás 5 horas da manhã; meia hora depois passamos o rio *Lucos*, onde se despedio o irmão do governador de Larache; ás 8½ tendo encontrado o filho do governador Benooda, que nos esperava no limite do seu districto, separou-se de nós a cavallaria de Larache, depois de feitas as despedidas do estylo, e ás 9½ horas da manhã chegamos ao acampamento em Benooda, aonde 3 horas depois nos foi distribuida uma boa *muna*.

6.º Dia, 26 de Maio de 1877.

Sahimos de Benooada ás 5 horas da manhã; meia hora depois passamos o rio *Mda*; ás 6½ passamos proximo ao santuario Sid-Aissa-Bel-

Hessen, é ás 7 ½ da manhã chegamos ao a campamento em Habassi, indo primeiro descansar para casa do governador, aonde nos foi servido um delicioso almoço marroquino, em quanto se armavam as nossas barracas; voltando ao acampamento, logo depois começou o offerecimento da *muna*, que bastará dizer, durou horas. De tarde tivemos a visita do governador, com corridas de polvora pela sua cavallaria, em frente da barraca onde jantámos, ficando todos penhorados pelos obsequios que nos dispensou.

7.º Dia, 27 de Maio de 1877.

Sahimos de Habassi ás 5 horas da manhã, acompanhados pelo governador até ao rio *Sebu*, aonde chegamos ás 6 horas da manhã; ahi, acceitando-lhe a sua despedida, e agradecendo-lhe tantos obsequios, passamos o rio em uma barca, armando em seguida do outro lado uma barraca para com comodidade e á sombra, esperarmos que se fizesse a passagem, tambem em barcas, de creados, bagagens, cavallaria etc., o que durou 4 horas, pondo-nos por conseguinte a caminho ás 10 horas e chegando ao acampamento em Beni-Hessen na curva e proximidades do mesmo rio ao meio dia. De tarde veio como de costume a *muna*.

8.º Dia, 28 de Maio de 1877.

Sahimos de Beni-Hessen ás 5 horas da manhã chegando a Cherarda ás 11 horas, aonde acampamos junto á casa do governador Abdelah-Bensheliah, por quem fomos obsequiados o mais possivel, durante 3 dias que ali estivemos, pela circumstancia imprevista quo relatei em officio N.º 15 de 7 do corrente.

11.º Dia, 31 de Maio de 1877.

Sahimos de Cherarda ás 5 ½ horas da manhã chegando a Zaguta ás 9 ½ horas sem occorrencia extraordinaria durante a jornada, aonde acampamos e nos demoramos até receber aviso para seguir a viagem em direcção a Mequinez, sendo dignos de menção os obsequios que nos dispensou a povoação, aonde até as mulheres nos esperavam com os seus acostumados gritos de sympathia e agintando os seus lenços em forma de bandeiras.

16.º Dia, 5 de Junho de 1877.

De Zaguta sahimos ás 5 ½ horas da manhã chegando a Alcassar Faraon ás 8 ½ horas, aonde acampamos, junto ás antigas ruinas romanas, e á vista da cidade de Muley Edris, muito adorada entre os mouros pelo sanctuario que ali existe.

A posição da cidade é de grande effeito á vista, porque está entre um valle e cercada d' olivedo.

17.º Dia, 5 de Junho de 1877.

Sahimos de El Kassar Faraon ás 4 horas da tarde e chegamos a Uad-el-chejar ás 6 horas aonde acampamos á vista de Mequinez, sendo esperados desde meio caminho pelas principaes authoridades e grandes forças militares, como sempre aconteceu durante a viagem, sem excepção de districto, distinguindo-se a kabila destas proximidades do monte Gueruan, n'um curioso simulacro militar de completa illusão.

Quazi era escusado repetir que meia hora depois da nossa chegada nos foi offerecida uma abundantissima *muna*.

18 Dia, 7 de Junho de 1877.

Sahimos de Uad-el-chejar ás 6 horas, entrando em Mequinez com as honras devidas á missão, ás 9 horas da manhã, conforme relatei em officio N.º 15 de 7 de Junho.

Na cidade fui alojado em um palacio pertencente ao Sultão para este fim expressamente adornado, tendo ás minhas ordens, á entrada, uma força de cem soldados de infanteria, que

eu pedi para ser reduzida a 25, ficando encarregados, por ordem do Sultão, dois dos seus primeiros administradores de providenciarem para que nada nos faltasse.

No dia 9 de Junho fui convidado pelo Vizir ou primeiro Ministro Sid-Mussa, para um almoço que nos foi servido, com mesa e talheres á europea, em uma das salas do seu palacio com vista para o jardim, sendo os pratos os mais finos da cosinha marroquina, de muito agrado dos europeus presentes, e dignos de mencionar pela quantidade que excedia a 50, convindo tambem acrescentar, que quantos mais pratos se servem ao almoço ou jantar, maior é o favor, obsequio ou consideração, que se tem pelo convidado.

Depois do almoço tivemos uma entrevista com o referido ministro, que nos acolheu com grande affecto, tecendo os maiores elogios ao paiz que representamos, felicitando-se pelo paiz e pelo Sultão, da amisade que ha longos annos existe entre Portugal e Marrocos, pedindo a Allah pela sua continuação, e combinando para que no dia seguinte ás 8 horas da manhã fosse a audiencia publica com Sua Magestade o Sultão, a qual teve logar como communiquei em officio N.º 15 de 10 d'este mes.

Findo este acto, fui convidado pelo primeiro ministro, da parte de Sua Magestade

o Sultão, para visitar a sua propriedade de *Agdal* a dois kilometros de distancia da cidade, aonde fomos a cavallo e com a farda que timhamos vestida para a audiencia. E' difficil com uma pequena visita fazer a descripção de tão rara e rica propriedade, aonde pastam aproximadamente 500 egoas, e onde estão os cavallos reproductores escolhidos, entre os quaes ha alguns que pela raridade da sua belleza não se lhes póde estipular valor. A extenção não se póde calcular de repente; tem oliveiras de um tamanho e altura enormes, e uma quantidade de chalets muito curiosos para o europeu, pela sua raridade, gosto e riqueza.

Como o calor augmentava, não podemos prolongar a visita, retirando-nos com saudade, em direcção á nossa residencia.

No dia 12 de Junho fui convidado pelo Bacha de Fez Sid Ab-Allah Ben Hamed para um sumptuoso almoço que nos foi servido ao meio dia á europea em uma das salas do seu palacio, com um sem numero de pratos da cosinha marroquina, assistindo todos os principaes jurisconsultos desta cidade e os que de Fez acompanharam o Imperador, tocando a musica do paiz durante o almoço e acabando esta brilhante festa mourisca ás $2\frac{1}{2}$ horas da tarde. O Introductor dos embaixadores (Kaid-el-Mechuar) Hage Mo-

hamed Ben Aish, tambem nos obsequiou com um opiparo almoço no dia 16 do corrente na sua linda casa, que pode bem comparar-se a um paraiso oriental.

A entrega da Grã Cruz a Muley El-Hassan effectuou-se no dia 18 ás 8 horas da manhã, em entrevista particular n' um dos pavilhões de Agdal, junto ao seu palacio, recebendo-nos Sua Magestade com inequivocas provas de bonevolencia. Demos-lhe as explicações que desejou saber acerca da antiga e muito nobre ordem da Torre Espada cujas insignias tomou com agrado de nossas mãos; e alludindo á amissade existente entre Portugal e Marrocos, manifestou novamente o desejo que o anima de que essa amisade seja cultivada, fazendo nesse momento um intelligente elogio á nação Portugueza, antiga alliada dos seus antepassados. Sua Magestade sempre com expressões as mais attenciosas, perguntou-nos com interesse pela saude do pessoal que nos acompanha, depois do qué fizemos as nossas despedidas.

Mequinez, 19 de Junho de 1877.

Illmo. e Exmo. Sr.

Em additamento ao Relatorio que tive a honra de passar ás mãos de V. E. em 19 de Junho ultimo. adjunto ao meu Officio N.º 17

da mesma data, cumpre-me em primeiro logar levar ao Superior conhecimento de V. E. que o presente que o governo de Sua Magestade enviou para o Sultão Muley-El-Hassan, juntamente com a Grão Cruz da Torre Espada do Valor, Lealdade e Merito, foi levado da casa de minha residencia em Mequinez, para a grande praça do Palacio Imperial onde teve logar a minha recepção em audiencia publica pelo Sultão explicada no meu officio N.º 16 de 10 do dito mes, cujo presente, colocado na esplanada junto do meu pessoal, por disposição anterior do primeiro ministro Sid-Mussa-Ben-Hamed, ficou alli mesmo publicamente entregue ao Soberano segundo a pratica deste pais em taes casos, tendo eu dado ao Vizir Marroquino a chave da caixa que continha o serviço de prata para almoço a que por ultimo se referio o Despacho de V. E. N.º 3 datado de 19 d'Abril.

Occorreo isto no dia 18 de Junho proximo preterito; e tendo nos dias 19 e 20, visitado algumas partes mais importantes da cidade e immediações, fui, no dia 21, acompanhado de todo o pessoal da Missão, fazer as minhas despedidas do primeiro Ministro Sid-Mussa-Ben-Hamed, pois tinhamos previamente combinado que a nossa partida para Tanger se effectuaria no dia immediato 22.

O primeiro Ministro recebeo-me com a sua habitual affabilidade, e havendo-lhe manifestado a minha tenção de emprehender a marcha no dia seguinte, pedio-me que a transferisse para o dia 23, porque o Sultão havia disposto dar-me uma audiencia de despedida que ficara combinada para a manhã do referido dia 22, a qual teve logar affectivamente pelas oito horas no mesmo pavilhão de Agdal em que no dia 18 havia eu feito a entrega da Grão Cruz da Torre Espada a Sua Magestade.

Alli achava-se presente o primeiro ministro Sid-Mussa-Ben-Hamed, tendo-me o Sultão recebido com os mesmos signaes de benevolencia que me manifestara nas entrevistas anteriores, sem cessar de alludir á amizade existente entre os dous paises, e ao muito que tem apeito conserval'a e estreital'a. Ao mesmo tempo, Sua Magestade, como ja m'o havia tambem significado o seu dito Ministro, mostrou-me desejos de que ao nosso regresso para Tanger fizessemos caminho por Fez a fim de visitarmos aquella capital. Agradeci devidamente ao Sultão Muley-El-Hassan a justiça que fazia ao pais que tenho a honra de representar, e as repetidas attenções e obsequios que para commigo e pessoas da minha comitiva tinhão sido, por sua imperial ordem, praticados pelas authoridades deste Imperio com

quem durante a minha jornada e estada na côrte havia eu estado em contacto. Findas estas reciproças declarações de amizade, e tendo-me julgado na obrigação de annuir ao desejo de El-Rei sobre o nosso regresso por Fez, fiz as minhas definitivas despedidas de Sua Magestade, e mais tarde, n' aquelle mesmo dia, do referido primeiro Ministro, ao qual, com tudo, signifiquei, que para não demorar eu a minha viagem e tambem para evitar o excessivo calor que segundo as noticias havia dentro de Fez, ficaria, com a venia de Sua Magestade, no acampamento que estabeleceria, n' um logar junto ao rio na proximidade d' aquella capital, ao que desde logo o primeiro Ministro tomou sobre si satisfazer em nome do Seu Soberano; e tendo-se seguido entre nós uma conversa amistosa versando principalmente sobre as boas relações que sempre existiram entre os nossos antepassados, cuja amisade hoje se renovava sob os auspicios do esperançoso reinado de Muley-El-Hassan, ficamos despedidos e a viagem determinada para o dia immediato 23 de Junho.

A nossa sahida foi ás 8 $\frac{1}{2}$ horas da manhã; ás 11 $\frac{1}{2}$ horas descançamos na bonita ponte chamada Jedida, e ás 3 horas da tarde continuamos a marcha ate ao acampamento que haviamos mandado collocar no rio Uad enjá onde chega-

mos pelas 6 horas da tarde, tendo encontrado tanto n' um como n' outro ponto, abundantissima e boa agoa.

No dia 24 de Junho ás 5 $\frac{1}{2}$ horas da madrugada deixamos aquelle bello sitio e continuando a nossa marcha, chegamos ao acampamento no rio de Fez mui proximo ás muralhas da parte da cidade conhecida por Fez novo, ás 8 horas da manhã. Em quanto as barracas se armavam, passamos a uma horta do Sultão denominada Bujulud, onde o filho do Bacha de Fez, pois o pae, conforme tive a honra de mencionar no meu citado Relatorio, estava em Mequinez junto do Sultão, veio logo visitar-me, assim como as principaes authoridades, e logo que fui avizado de achar-se prompto o acampamento, dirigi-me a elle acompanhado do Bacha interino das ditas authoridades e da minha comitiva, tendo agradado muito aos referidos magnates a disposição do acampamento onde, como de costume, ondeava a bandeira Portugueza, junto de minha barraca.

Alli foram incontinenti instalados pelo Bacha interino dois Administradores da capital com ordens expressas e terminantes de nada nos faltar; e tendo-se despedido e retirado as mencionadas authorirades, appareceo a *muna* enviada de Fez, abundante e variada.

O resto desse dia foi destinado ao descanso e os dias 25 e 26 de Junho, empregaram-se em visitar a povoação, sempre acompanhados da competente escolta, assim como o sitio real a curta distancia da cidade, chamado Dar-de-bibag onde o Soberano, quando alli esta, costuma passar os dias de grande calor pela amenidade que offerece aquelle logar cheio de larangeiras, e de cristalinas correntes d' agoa.

Feitas as nossas despedidas dos mencionados personagens e havendo combinado que a nossa volta para Tanger fosse pelo pais montanhoso de Cheraga afim de fugirmos aos fortes calores e ás pessimas agoas do caminho vulgarmente seguido pelos districtos dos governadores do Garb, nos pozemos em marcha no dia 27 de Junho ás oito horas e um quarto da manhã, debaixo da agoa pluvial que felizmente trazia n'essa ocasião o revoltoso vento Oeste. Pelas 11½ horas chegamos ao sitio denominado Uland-Jameh, em Cheraga, onde á sombra do seu bello arvoredo, descansamos ate ás 4 horas da tarde em que, retomando o caminho por aquellas pintorescas encostas, chegamos ás 6½ horas da mesma ao sitio denominado Hesau, depois de atravessar o rio Sebu, sem necesidade de barcas, em cujo sitio havia-mos disposto a colocação do acampamento.

No dia 28 ás 5 horas passadas da manhã, sahimos desse acampamento e nos dirigimos, a marchas forçadas, ao rio Uarga no qual paramos para almoçar ás $9\frac{1}{2}$ da manhã, sahindo dalli ás 3 horas da tarde e dirigindo-nos ao acampamento em Had-el-curt, onde chegamos ás 7 horas da tarde, devendo advertir que d'um para outro ponto fomos acompanhados por um corpo de cavallaria que o governador Ben-Ohoda, logo que soube a nossa marcha por aquelles sitios, enviou galantemente para a nossa maior segurança, visto que tivemos de passar por kabilas que não se acham em completa obediencia á authoridade do Sultão.

Tendo por este caminho poupado duas jornadas, no dia 29 partimos de Had-el-curt ás $5\frac{1}{2}$ horas da manhã, e havendo ficado desde as 9 horas ate a uma hora para descansar na horta do kaid Jeraifi, chegamos pelas $5\frac{1}{2}$ horas da tarde a Alcaçar Kebir. Nesta cidade fomos recebidos antes de cortar o rio Lucus pelas authoridades da terra, sendo para notar que a musica da mesma tambem nos esperava para nos acompanhar ate o nosso acampamento tanjendo as suas curiosas sonatas nacionaes. Tanto em esta localidade como nas anteriores onde pernoitamos, nos foi servida com profusão a *muna* de costume.

De Alcaçar sahimos no dia 30 para Tanger

por Larache ás $5\frac{3}{4}$ horas da manhã, tendo-nos dirigido ao bosque para descansar e ahi paramos ás $9\frac{1}{2}$ horas da manhã, tornando a caminhar pouco depois e entrando em Larache ás $2\frac{1}{2}$ horas da tarde acompanhados pelo governador da cidade que com a sua cavallaria e infanteria tinha sahido ao nosso encontro, assim como o vice-consul de Portugal. Aqui fui visitado pelos vice-consules de Allemanha, Hespanha e Grão Bretanha, o de Portugal representando outras nações, e as embarcações portuguezas surtas no rio logo que souberam da nossa chegada, embandeiraram. Pelas 9 horas da noite, depois de jantar em casa do vice-consul, atravessamos o rio na barcaça do capitão do porto com a nossa comitiva indo buscar á outra banda, o nosso acampamento alli collocado por disposição anterior.

No dia 1.º de Julho ás 5 horas da manhá deixamos Larache continuando a marcha para Tanger. Pelas 10 horas pouzamos em Sid Eliamani, e ás 5 horas da tarde paramos no acampamento da Garbia do qual partimos no dia 2 de Julho ás $5\frac{1}{2}$ horas da manhã, e depois de descansar em Ain-Dalia, continuamos a marcha chegando a Tanger ás 4 horas da tarde, onde fui recebido cordialmente e visitado por todos os meus colegas, assim como pelo Bacha e pelo Ministro dos Negocios Estrangeiros Marroquino,

Ao terminar, julgo da minha obrigação expor a V. E. que o Senhor Fernando Bomtempo, enviado por esse Ministerio, a meu pedido, para servir-me na qualidade de Secretario durante a Missão Especial que fui desempenhar junto do novo Sultão deste Imperio, houve-se com todo o zelo e intelligencia no exercicio das suas funções, sendo tambem digno de elogio o Dr. Arthur Leared pelos serviços que prestou como Medico da Missão, assim como o Senhor Jose Butler, vice-consul em Saffi e interprete da mesma, e Manoel de Jesus Colaço.

Deus guarde a V. E.

Tanger, 10 de Agosto de 1877.

Ao Illmo.e Exmo. Snr. Marquez d' Avila e de Bolama, D. Par do Reino, Presidente do Conselho de Ministros, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros.

Como complemento ás citadas narrativas, diremos que, não sendo no imperio de Marrocos as distincções honorificas os presentes que mais se apreciam, porque o estado moral e de instrucção dos seus habitantes, contrariado pela influencia de sentimentos fanaticos inveterados entre os mahometanos e de uzos e costumes essencialmente diversos da maneira de ser dos povos que vivem impulsados pelas necessidades

do progresso, permanece aquem do nivel intellectual onde começa a comprehensão e o apreço das referidas distincções e das menções honrosas ao merito, por esta razão, e tambem pelo facto da descrença em que muitos, com os alludidos fundamentos, estavão sobre a aceitação d' uma condecoração por parte do Imperador de Marrocos, sera ponto curioso para as pessoas que se dignem ler esta modesta publicação, conhecer ou rememorar o modo como a primeira distincção offerecida ao Soberano deste imperio foi por elle comprehendida, e a forma da missiva em que Muley-Mohammed expressou a Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom Luiz o seu agradecimento, ao effectuar-se a Missão Especial de 1865.

Para isso, temos á mão o Diario do Governo N.º 126 de 8 de Junho de 1874, que á par d' uma noticia sobre as dynastias mahometanas que teem occupado o throno dos cherifes, publicou na sua integra a citada missiva que ao diante reproduzimos. E quanto á que seu filho Muley-El-Hassan enviou por igual motivo a Sua Magestade Fidelissima quando se realizou a Missão Especial de 1877, sabemos que o seu conteúdo não foi inferior em expressões de cortezia e manifestação de amizade, se bem foi de estylo menos figurado.

"Carta que o Sultão de Marrocos Sid Mohammed, dirigiu a El-Rei de Portugal, D. Luiz I, para agradecer-lhe a gran-cruz da Torre e Espada.

Traducção.

Louvado seja sómente Deus. Não ha força nem poder senão em Deus, o elevado, o grande. Do servo de Deus, que se resigna á vontade de Deus, e a elle confia o seu ser e misteres, o principe dos Crentes, filho do principe dos Crentes, filho do principe dos Crentes, filho do principe dos Crentes, filho do principe dos Crentes, filho do principe dos Crentes, filho do pricipe dos Crentes, que é. Segue se o nome e o sêllo do Sultão Sid Mohammed Ben Abd-Rahman cujos dias Deus torne felizes e exalte os seus estandartes; ao querido, o sabio, o que passa por entre as illustradas cabeças dos grandes capitães, tocando no alvo com flecha certeira, o que pelo seu poder e illustração vemos elevado até uma immensa altura, o liberal, o grande da nação portugueza, e o muito nobre soberano Luiz I, etc., etc. Chegou a nós a vossa carta que é a expressão da mais perfeita amisade, a qual encerra votos pela conservação da nossa honrosa alliança, e alcançamos com ella provas inequivocas de uma affeição sincera

que os tempos não poderão alterar, provas da vossa lealdade e da vossa sinceridade consummada, as quaes ficarão sempre debaixo das nossas cuidadosas vistas, e juntamente nos chegou a distincção com que vos dignaes honrar a nossa pessoa, que Deus proteja; presente que se faz aos grandes Reis, o qual é a ordem militar de Portugal, que nos foi entregue pelo vosso representante, o distincto e illustrado cavalheiro consul geral da vossa nação em nossos dominios, que Deus proteja, e, de facto, temos experimentado uma satisfação manifesta com este presente o qual aceitámos com summa alegria e enthusiasmo, pois o homem intelligente se regosija com aquillo que lhe vem do seu querido; e teem ao mesmo tempo, em consideração e apreço ao funccionario que vem em seu nome. Não tenhaes duvida alguma; vós sois, em nosso conceito, das nações mais escolhidas, e a nossa amisade comvosco é antiga, assentando a sua edificação sobre solidos e profundos alicerces, e as amigaveis relações que uniam os nossos avós aos vossos avós são celebres e conhecidas de toda a gente, certamente nos demonstrou o vosso mencionado representante, uma cousa, que não nos era extranha, isto é, a excellencia das vossas qualidades, e a abundancia com que vos elogiou é tal que faz augmentar a ambição com que vos

queremos, renovando-se e estreitando-se os laços da amisade. Isto tem-nos outro sim provado assás a inteireza e a sinceridade com que o vosso representante desempenha as funcções do seu cargo e o ardente zêlo que o anima no bom desempenho dos deveres que lhe são confiados.—E o fim.—Em 22 de Moharrem o sagrado, anno de 1282. (Corresponde a 17 de Junho de 1865.)"

Se supplica aos indulgentes leitores que, attendendo a ser este o primeiro livro que sahe do prelo que tambem por primeira vez se estabelece no Imperio de Marrocos no meio das inimaginaveis difficuldades com que tenho tido que lutar, devidas ás condições excepcionaes em que ainda permanece este pais, desculpem por tão fundados motivos, as muitas faltas que a impressão deste trabalho deve offerecer contra o sincero desejo do impressor

G. T. ABRINES.

Tanger e Dezembro de 1882.

ERRATAS.

Paginas	Onde se lê	Leia-se.
No frontispicio.	.Seguido da....	Seguida da
III.....	un prelo	um prelo.
8.....	naquellos momentos	naquelles momentos.
10.....	circunspecta.....	circumspecta.
11 e 111.	colocado	collocado.
11 e 21..	Ramadam.....	Ramadan.
12.....	Ramadam se anuncia	Ramadan se annuncia.
17.....	pessaros errantes..	passaros errantes.
,, ...	que os queimam....	que os queima.
20.....	saltimbanques....	saltimbancos.
25.....	Al-Korao.....	Al-Korão.
29 e 49..	estravagancia	extravagancia.
31....	posicôes estravagantes	posições extravagantes
,, ...	divinidade	divindade.
33.....	paschõas	paschoas.
51.....	rampla.....	rampa.
54.....	atenção.....	attenção.
56	imaculado.....	immaculado.
71.....	predilexão.....	predilecção.
83....	Muley Edris-l-garhora	Muley Edris.
89.....	Escuicherruas.....	Beni-gorfet.
93.....	para o offeito.....	para o effeito.
96.....	a que se abrigara...	a que se obrigara.
113.....	descançamos.....	descansamos.

عة وضرب في ستمبة لابرينس
بطنجة
صنغ جميع خدمة الستمبة
عجمي وبالعربي وبالعبراني

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

DT
309
C65

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 14 30 19 01 015 9